



•NOVA•  
UCSAL

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR**

**JAILTON DE JESUS PORTO**

***A CONDIÇÃO HUMANA: ANÁLISE DAS ATIVIDADES HUMANAS NO  
PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT***

SALVADOR

2020

**JAILTON DE JESUS PORTO**

***A CONDIÇÃO HUMANA: ANÁLISE DAS ATIVIDADES HUMANAS NO  
PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Católica do Salvador, como requisito  
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em  
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Sepúlveda Ferriz.

Salvador

2020

**JAILTON DE JESUS PORTO**

***A CONDIÇÃO HUMANA: ANÁLISE DAS ATIVIDADES HUMANAS NO  
PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT***

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Filosofia em Nome do Programa da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 15 de dezembro de 2020

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. José Luiz Sepúlveda Ferriz  
(Orientador)

---

Prof. Ms. Alexandre Barreiros de Carvalho Fonseca  
(Avaliador)

---

Prof. Ms. Ricardo Souza Cruz  
(Avaliador)

Dezembro de 2020

Dedico este trabalho em louvor à Santíssima Trindade e à Nossa Senhora Auxiliadora. Aos meus pais Fernando e Eliene, aos meus irmãos (ãs) (Ailton em memória), meu afilhado Henrique, à Alice, minha sobrinha e aos meus padrinhos de batismo e confirmação. Aos demais familiares e amigos. A Congregação do Santíssimo Redentor (CSsR), que me acolheu com muito carinho e em especial a Comunidade São Geraldo que me apoiou durante esse percurso, tornando minha segunda família; aos meus formadores que se dedicaram e se esforçaram para dar-me a devida formação espiritual, intelectual e humana. Enfim, a todos aqueles que me ajudaram e continuarão a ajudar-me na caminhada em direção a Deus.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida! Por todas as oportunidades e bênçãos a mim concedidas.

Agradeço aos meus pais: Fernando Soares Porto e Eliene Maria de Jesus, pela educação, amor e carinho, como também pelo incentivo aos estudos.

Aos meus irmãos (ãs) (Ailton em memória) pelo companheirismo, carinho e momentos de aprendizagem nas veredas da vida.

Aos meus familiares e amigos que me apoiaram no caminho de meu discernimento vocacional. Com muito carinho ao Pe. Manoel Novaes Dias, CSsR.

Agradeço carinhosamente a todos aqueles que colaboraram com a minha formação pessoal, social e intelectual. De forma especial a todos os meus professores e colegas.

Estendo os meus sinceros agradecimentos a todos os docentes e discentes da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), na pessoa do coordenador do curso de filosofia, professor Paulo Vasconcelos.

Aos Missionários Redentoristas da Bahia na pessoa do superior Vice-Provincial Pe. Roque Silva Alves, que me acolheu no desejo de fazer parte da família Redentorista, vivendo o carisma fundado por Santo Afonso, acolhendo o Evangelho para servir os mais pobres.

Em especial aos meus formadores e coformadores: Pe. Marcos Silva, Pe. Adam Rapala, Pe. João Batista, Pe. Mateus Jurus e Pe. Ednei Galvão, que se empenharam em dar-me a devida formação espiritual, humana, intelectual, afetiva e social.

Externo os meus agradecimentos, aos meus confrades que trilharam comigo esses anos de formação, partilhando a busca por esse caminho de entrega e serviço ao Reino de Deus.

De modo especial agradeço ao professor Dr. José Luiz Sepúlveda Ferriz, pela sua colaboração, dedicação e compreensão na orientação deste trabalho monográfico.

Por fim, a todos aqueles que diretamente ou indiretamente com suas orações colaboraram para minha formação. A todos, um forte abraço, meu muito obrigado!

*“O que proponho, portanto, é muito simples:  
trata-se de apenas pensar o que estamos  
fazendo.”*

*(Hannah Arendt)*

PORTO, Jailton de Jesus. *A Condição Humana: análise das atividades humanas no pensamento de Hannah Arendt*. 75 f. 2020. Monografia (Graduação) – Curso de Bacharelado em Filosofia, Universidade Católica do Salvador, 2020.

## RESUMO

Este trabalho monográfico tem como objetivo refletir sobre *A condição humana: análise das atividades humanas no pensamento de Hannah Arendt*. Através da análise das atividades humanas, Arendt propõe uma reconsideração da condição humana suscitando na contemporaneidade o pensar, o que estamos fazendo, vivenciada na ação política e fundamentada na ética e moral como o caminho para a liberdade do homem. A ciência política de Arendt propõe a reflexão de maneira individual e coletiva entendendo o espaço público como ação sociopolítica. Os humanos são seres condicionados pelo mundo e suas próprias atitudes. Assim, somos convidados a refletir sobre as nossas ações como meio de não sermos condicionados a ter atitudes de descartabilidade sobre os seres humanos. A pesquisa trata-se de um estudo analítico/bibliográfico, que descreve e cita as contribuições de Hanna Arendt e de alguns comentadores quanto à temática. Assim, utilizou-se o método hermenêutico para a análise e interpretação do material usado a fim de obter uma compreensão coerente do tema estudado.

**Palavras-chave:** Arendt. Atividades. Condição humana. Ação política. Liberdade

PORTO, Jailton de Jesus. The human condition: analysis of human activities in the thinking of Hannah Arendt. 75 f. 2020. Monograph (Graduation) – Bachelor's Degree in Philosophy, Catholic University of Salvador, 2020.

## SUMMARY

This monograph aims to reflect on The human condition: analysis of human activities in the thinking of Hannah Arendt. Through the analysis of human activities, Arendt proposes a reconsideration of the human condition giving rise to contemporary thinking, what we are doing, experienced in political action and based on ethics and morals as the path to human freedom. Arendt's political science proposes reflection in an individual and collective way, understanding public space as socio-political action. Humans are beings conditioned by the world and their own attitudes. Thus, we are invited to reflect on our actions as a means of not being conditioned to have disposable attitudes about human beings. The research is an analytical / bibliographic study, which describes and cites the contributions of Hanna Arendt and some commentators on the subject. Thus, the hermeneutic method was used for the analysis and interpretation of the material used in order to obtain a coherent understanding of the studied subject.

**Keywords:** Arendt. Activities. Human condition. Political action. Freedom.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I HANNAH ARENDT E A DIMENSÃO DA CONDIÇÃO HUMANA.....</b>	<b>14</b>
1.1 VIDA.....	15
1.2 OBRA - A <i>CONDIÇÃO HUMANA</i> .....	18
1.3 A CONDIÇÃO HUMANA NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT.....	22
1.3.1 A <i>vita activa</i> e a condição humana.....	22
1.3.2 O termo <i>vita activa</i> .....	27
<b>CAPÍTULO II AS TRÊS ATIVIDADES DA <i>VITA ACTIVA</i>.....</b>	<b>30</b>
2.1 TRABALHO.....	31
2.2 OBRA.....	37
2.3 AÇÃO.....	42
<b>CAPÍTULO III A <i>VITA ACTIVA</i> NO LINEAR DA ERA MODERNA.....</b>	<b>49</b>
3.1 A INVERSÃO ENTRE CONTEMPLAÇÃO E AÇÃO.....	50
3.2 A INVERSÃO DENTRO DA <i>VITA ACTIVA</i> E A VITÓRIA DO <i>HOMO FABER</i> .....	54
3.3 A DERROTA DO <i>HOMO FABER</i> E O PRINCÍPIO DE FELICIDADE.....	57
3.4 A VITÓRIA DO <i>ANIMAL LABORANS</i> .....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico desenvolvido para a conclusão do curso em bacharelado em filosofia, tem como tema: *A condição humana: análise das atividades humanas no pensamento de Hannah Arendt*. Esta pesquisa tem por objetivo fazer uma análise no pensamento de Hannah Arendt, a respeito das principais atividades humanas entendidas como trabalho, obra e ação, através da investigação da obra *A condição humana*.

Por assim dizer, foi proposto como objetivo geral: analisar as atividades humanas na obra *A Condição Humana*. Todavia, em função do objetivo principal são apresentados os objetivos específicos em relevância na condução da pesquisa, são eles: apresentar a autora Hannah Arendt e a dimensão da condição humana, analisar as três atividades da *vita activa* e abordar a *vita activa* no linear da era moderna.

Portanto, a pesquisa justifica-se perante a importância trazida pelo tema abordado para o campo da filosofia, já que essa ocupa-se em conduzir o ser humano à busca da verdade. A contribuição de Hannah Arendt, ao dedicar-se à pesquisa e escrita da obra *A Condição Humana*, é de grande valor, pois compreende-se uma análise fenomenológica das atividades humanas produzindo um conteúdo filosófico de relevância para o conhecimento da condição humana.

De certo, a obra "*A Condição Humana*", publicada em 1958, é considerada o livro mais ambicioso de Hannah Arendt. Uma das mais originais do pensamento do século XX, vem sendo bastante estudada e difundida. Celso Lafer explicita que a obra

Tem, como ponto de partida, uma reflexão sobre as inquietações que a ruptura trazida pelo ineditismo histórico da experiência totalitária suscitou ao promover a descartabilidade dos seres humanos. Neste contexto, o seu tema central é um pensar "o que estamos fazendo", permeado pela possibilidade de um amor mundi. (ARENDR *apud* LAFER, 2020).

Desta maneira, estudar as atividades humanas segundo o caminho percorrido pela autora é de grande valia para a compreensão da condição humana e ter um conhecimento crítico da diferença que possui tais atividades distinguidas pela filósofa.

Assim, levando em consideração o pensamento de Hannah Arendt acerca da condição humana, percebe-se a importância em aprofundar nessa temática para tentar solucionar alguns problemas que nos rodeiam nos dias atuais, buscando entender as inquietações que a ruptura trazida pelo ineditismo histórico que a experiência totalitária suscitou ao promover a descartabilidade dos seres humanos.

Mediante justificativa, a elaboração da problemática encontra-se com a seguinte hipótese: a condição humana é o fundamento para a compreensão das ações do homem. Qual é o fundamento da análise das atividades humanas segundo Hannah Arendt?

Assim dito, cabe como horizonte, “o pensar o que estamos fazendo” (ARENDR, 2020, p. 6). Certamente, Hannah Arendt, a partir da análise fenomenológica das atividades da condição humana, propõe uma reconsideração da condição humana por essa perspectiva “o que estamos fazendo”, cabe como tema central e justifica-se o problema desta pesquisa.

A metodologia para a pesquisa e elaboração deste trabalho está fundamentado na leitura hermenêutica, tendo como base o estudo da obra de Hannah Arendt, a saber: *A Condição Humana*. Encontra-se também, como fonte de pesquisa a leitura de outras obras da autora e de alguns comentadores da mesma que servirão de fonte enriquecedora na elaboração da pesquisa, bem como, outras fontes de investigação podendo ser localizada nas referências.

Para melhor compreensão do pensamento da autora, a natureza da pesquisa será de caráter bibliográfico, pois este por sua vez consiste na etapa inicial de todo o trabalho científico ou acadêmico, tendo como objetivo o de reunir as informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta a partir de determinado tema. Sendo que, é de suma importância o uso do método hermenêutico e usufruir das ferramentas que desse dispõe, fazendo uma leitura coerente do material usado para melhor entendimento da abordagem do pensamento suscitado pela autora.

Compreende-se por hermenêutica o exercício da interpretação de diversos meios e campos de estudos, essa retorna o tempo histórico, a realidade política e cultural de uma época para se adentrar no contexto da realidade histórica para fazer uma devida interpretação. Segundo Palmer (1999, p. 19) “a hermenêutica é o estudo da compreensão, é essencialmente a tarefa de compreender textos”. Portanto, o

objetivo da prática hermenêutica é compreender corretamente aquilo que foi expresso por outro indivíduo, sobretudo na escrita. Por essa via, no mundo contemporâneo, o uso da hermenêutica tem sido cada vez mais postulado. Assim, nesse momento cabe a apresentação da estrutura dos capítulos que formam o corpo da pesquisa.

No capítulo I, será apresentada a biografia da autora evidenciando alguns pontos sobre sua vida. Assim, havendo uma inserção da história e as influências filosóficas do renomado filósofo Martin Heidegger, na construção do pensamento de Hannah Arendt. Bem como a apresentação da obra *A condição humana* que é a base teórica da investigação realizada e por fim uma introdução ao conceito de condição humana no pensamento de Hannah Arendt, que é contextualizado na *vita activa* por meio da natalidade.

No capítulo II, a *vita activa*, que é o contexto da condição humana, é analisada e para isso está dividida em três tópicos: trabalho, obra e ação. Segundo Arendt, cada um desses representa uma das principais atividades que compõem a condição humana. Na obra, cada tópico está dividido pela autora como um capítulo independente. Contudo, aqui formam um único capítulo sendo analisados alguns dos pontos mais importantes apresentados em cada um deles. Assim, objetivando chegar à distinção que a autora faz de cada uma das atividades e percorrer o caminho para sanar a pergunta problema desenvolvida.

No capítulo III, uma abordagem é feita tendo como referência o capítulo VI da obra, descrito pela autora como: *a vita activa e a era moderna*; aqui representado por: a *vita activa* no linear da era moderna. Neste tópico é visto as inversões ocorridas na modernidade havendo o distanciamento do pensamento filosófico na antiguidade e ascensão da ciência na idade moderna. Todavia, salienta as inversões das hierarquias que o *homo faber* e o *homo laborans* conquistaram e salienta o descaso pela ação e o discurso político. Bem como, em todo processo da construção da pesquisa presente nos três capítulos evidencia a crítica de Arendt, tanto pelos regimes totalitários, bem como pelo pensamento marxista.

Como pensadora política, as reflexões levantadas por ela conduz o pensar sobre os acontecimentos mediante a história da humanidade, é tido como exemplo a descartabilidade dos seres humanos com a perseguição e extinção do povo judeu. Também com os avanços tecnológicos a natureza passou a ser um processo para a utilidade dos interesses pessoais do homem. A ciência política de Arendt tem por

interesse despertar em cada indivíduo seu papel como cidadão em função de si mesmo e do outro, formando uma sociedade que a prática da alteridade seja presente, distintamente do que era presenciado entre o regime totalitário para com a nação judaica.

Arendt vê na natalidade o renascer de uma nova esperança, pois é por meio de cada nascimento que uma nova ação pode ser tomada. Na esperança que o mundo possa ser transformado, devido cada ser único possuir sua particularidade política e ao mesmo tempo um ser plural, sendo possível por meio das relações interpessoais. Sendo que é através da pluralidade que a ação e o discurso se encontram em experiência de trocas de ideias e assim formando uma sociedade de pessoas que tem por conduta a ética e a moral.

Portanto, é de relevância atentar-se quando Arendt fala sobre os espaços públicos e privados, pois, no mundo em que os homens vivem a ideia de esfera pública denota aquilo que é comum e a esfera privada aquilo que é particular, isto é, seu pensamento conduz uma reconsideração das atividades humanas em vista de um mundo comum, onde cada indivíduo possui a liberdade para a reflexão individual e coletiva. Entretanto, a partir da modernidade passou-se não somente privatizar os espaços públicos em função dos próprios interesses. Também, gerou através desse modo de pensar o condicionamento da subjetividade humana ocorrendo a privatização de si mesmo para com o outro, acarretando em formação de sociedades individualistas, presenciando a falta da ética e moral no agir. Assim dito, a ciência política de Arendt, propõe a reflexão de maneira individual e coletiva, assim formando o espaço como ação sociopolítica.

## CAPÍTULO I HANNAH ARENDT E A DIMENSÃO DA CONDIÇÃO HUMANA

Hannah Arendt faz o uso do método fenomenológico objetivando chegar à intencionalidade das essências, isto é, ao objeto inteligível e ideal dos fenômenos, de maneira imediata. Para melhor entendimento, em *A Condição Humana*, Arendt faz uma análise fenomenológica das atividades humanas que consiste na tríade: trabalho, obra e ação, permeando os seus traços temporais. “A condição humana é repleta de distinções: entre trabalho, obra e ação; entre poder, violência e força; entre a Terra e o mundo; entre propriedade e riqueza; e muitas outras, frequentemente estabelecidas mediante investigações etimológicas” (ARENDT *apud* CANOVAN<sup>1</sup>, 2020, p. LI). Assim, estando repleta de diferenças entre si, a tríade forma as atividades centrais da condição humana.

Segundo a pensadora, a pessoa humana vem ao mundo por meio da natalidade. “Para que houvesse um início, o homem foi criado, sem que antes dele ninguém o fosse”<sup>2</sup>, por meio do pensamento de Santo Agostinho, ela suscita o nascimento da condição humana e conseqüentemente a ação política da pluralidade.

Ela julgava que cada nascimento é percebido no mundo porque todo recém-chegado possui a capacidade de agir, de iniciar algo novo. Sendo cada homem um indivíduo singular, no nascimento algo singularmente novo vem ao mundo. Não é outra a razão de a natalidade ser para ela a categoria central do pensamento político, distintamente do pensamento metafísico, ocupado com a mortalidade (CORREIA, 2007, p. 9-10).

É indispensável o pensamento político de Arendt para a compreensão política moderna, bem como, é tido atual na contemporaneidade. Todavia, para melhor compreensão do pensamento de Hannah Arendt, faz-se necessário neste capítulo

---

<sup>1</sup> “Margaret Canovan, uma proeminente estudiosa de Arendt, descreve o uso que Arendt faz do passado como tendo duas tarefas. Em primeiro lugar, Arendt buscou formular teoria que representasse mais precisamente os fenômenos que procurava descrever, realizando vantajosas distinções entre conceitos; em segundo lugar, Arendt desejava utilizar possibilidades passadas que foram descritas teoricamente, mas jamais verificadas” (FRY, 2010, p. 18).

<sup>2</sup> A frase de Agostinho provém de *A cidade de Deus*, xii, 20, citada em *A condição humana* (Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2020), p. 219-220.

apresentar uma síntese biográfica e posteriormente apresentar a sua obra mais famosa *A Condição Humana*, que é a base teórica desta pesquisa; e concluindo esta primeira parte do trabalho com a apresentação da condição humana no pensamento de Hannah Arendt.

## 1.1 VIDA

Esta pesquisa se baseia na filósofa contemporânea Hannah Arendt. Para melhor entendimento da sua história na construção do seu pensamento, serão apresentados alguns pontos importantes da sua vida: “Hannah Arendt, cujo nome completo é Johanna Cohn Arendt, nasceu em Hanover, Alemanha, em 1906, em uma família judaica civil de classe média, passou sua infância em Königsberg, Prússia Oriental, atual Kaliningrado, Rússia” (FRY, 2010, p. 12). Arendt não teve irmãos, todavia “como filha única, ela foi criada com afeto, cuidado e atenção, o que está expresso no diário (*Unser Kind - Nossa criança*) que sua mãe, Martha, manteve em dia até a adolescência da filha” (WATSON, 2001, p. 19).

A construção do seu conhecimento foi formada por intelectuais e profissionais liberais judeus. Como bem nos assegura Watson (2001), Arendt exerceu um bom desempenho na escola sendo reconhecida pela sua inteligência. Contudo, por causa de um mau comportamento que ela liderou contra um professor julgado por ter ferido sua dignidade, acabou sendo expulsa faltando apenas dois semestres para a realização do exame de conclusão. Apesar do seu bom desempenho, havia desenvolvido a fama de independente e rebelde. Neste contexto, foi preciso preparar-se por si mesma para os exames da Universidade de Berlim, sendo aprovada com mérito. Em todo esse processo, recebeu da sua nova família um apoio notório.

De 1924 a 1929, frequentou a universidade cursando filosofia. “Nesses anos, seus mestres foram Martin Heidegger - com quem teve uma relação amorosa - e Karl Jaspers -, que orientou sua tese de doutorado sobre Santo Agostinho e tornou-se um grande amigo” (ARENDDT *apud* DUARTE, 2018, p. 71). A relação entre Arendt e Heidegger iniciou-se logo quando começou o curso, Watson (2001) afirma que o *Die Schatten (As sombras)* foi escrito por Arendt, tendo 19 anos, destinado a Martin

Heidegger. Constata que Arendt havia esboçado em Königsberg um autorretrato psicológico, explicando o significado do relacionamento que ocorreu entre eles e retratando sua história de vida.

De fato, o relacionamento com Heidegger foi um divisor de águas na vida de Hannah, mas, ao escrever sobre isso usando o pretérito, deu mostras de perceber que o caso não poderia durar muito. A família e a carreira o separariam dela, mesmo tendo ele reconhecido o que Hannah trouxe para sua vida, durante aquele que foi um de seus períodos mais criativos (WATSON, 2001, p. 21-22).

Por adiante, “Arendt mudou-se a fim de prosseguir num grau mais avançado na filosofia em Heidelberg, Alemanha, com Karl Jaspers. Conforme Arendt, Jaspers foi a influência mais significativa em seu desenvolvimento intelectual” (FRY, 2010, p. 12). Jaspers não buscava verdades metafísicas como o filósofo Heidegger, o seu maior interesse era na comunicação e na política. Desta forma, como dito acima por Fry, Arendt fundamenta seu pensamento político com as intermediações do seu professor Jaspers.

Hannah Arendt, no início dos anos 1930, redigiu a biografia de Rahel Varnhagen, uma primeira análise da questão judaica. Os estudos sobre a vida de Varnhagen, conduziu Arendt a ter uma distorcida projeção das suas inquietudes. E ainda, na sociedade em que vivia, ser judia e romântica tinha o costume de gerar reações ambíguas (WATSON, 2001).

Por ter participado de “atividades ligadas ao movimento sionista, foi presa em 1933 e escapou para a França, onde viveu até 1941. O Nazismo ganhava força na Europa. Nesse período, casou-se com Heinrich Blücher e se tornou amiga de Walter Benjamin” (ARENDR *apud* DUARTE, 2018, p. 71). Pelo fato de Martin Heidegger ter-se envolvido com o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores, deixou-a muito magoada e eles ficaram muito tempo sem se ver.

Seu relacionamento posterior com Heidegger, que em 1933 foi nomeado reitor da Freiburg University pelos nazistas, manteve-se como uma tortuosa sombra por toda a sua vida, pelas explicações que se via na contingência de dar a ele e, sobre ele, para o resto do mundo (WATSON, 2001, p. 27).



Uma outra influência no pensamento de Arendt será, quando passou a conhecer o pensamento de Santo Agostinho e o viu como um grande filósofo. Devido a isso, usou com frequência dessa filosofia como parte de sua vida intelectual.

Santo Agostinho era uma figura constante no cânone de referências de Arendt da história intelectual do Ocidente. De acordo com Alfred Kazin, ela devotou-se a Santo Agostinho por causa de uma única frase: “Amor significa que eu quero que você seja” (WATSON, 2001, p. 30).

Watson (2001) afirma que, Hannah Arendt possui duas correntes célebres da filosofia de origem moderna alemã, ambas baseadas na filosofia moderna de Immanuel Kant. A primeira provinda do idealismo metafísico de ‘Herder, Fichte e Schelling até Hegel’ e a segunda de ‘Kierkegaard, o pai do existencialismo’, retornando à tradição de ‘Husserl, Heidegger e Jaspers’. Sendo que a fenomenologia e a hermenêutica é a moderna tradição da expressão contemporânea de Arendt. Ademais, a “fenomenologia é um tipo de filosofia que começa com a experiência vivida do ser humano, a qual era o ponto de partida para o pensamento de Arendt; ela, porém, não construía filosofia sistemática totalmente abrangente, como Hegel e Husserl” (FRY, 2010, p. 17). Todavia, Arendt teve influência aristotélica em seu método lógico<sup>3</sup>, ela fazia o uso das categorias<sup>4</sup> de Aristóteles, a fim de não cair em falácia no argumento.

Talvez quem maior influência exerceu sobre Arendt tenha sido Aristóteles, pois, seguindo-o, ela buscou explicitar diversas categorias, objetivando combater a confusão intelectual. Ela afirmava que

---

<sup>3</sup> “A lógica aristotélica nasce num meio de retóricos e de sutis argumentadores. Faz-se necessário, portanto, partir de uma análise da linguagem corrente, para identificar seus diferentes usos e, ao mesmo tempo, enumerar os diversos sentidos atribuídos às palavras empregadas nas discussões. Eis por que as *Categorias* abrem o *Organon* com pesquisas sobre as palavras, procurando inclusive evitar os equívocos que resultam da designação de coisas diferentes através do mesmo nome (homônimo) ou da mesma coisa por meio de diversas palavras (sinônimos)” (ARISTÓTELES, 1996, p. 14).

<sup>4</sup> “As categorias possuem três níveis de validade: a) *um ontológico*, b) *um lógico*, c) *um lingüístico-gramatical*. Os primeiros dois níveis são claramente tematizados pelo próprio Aristóteles, o terceiro, porém foi posto em relevo pelos estudiosos modernos. a) No nível ontológico, as categorias são as *divisões originárias do ser* (aquilo pelo qual o ser originariamente se distingue) [...]. Do ponto de vista lógico, são as *noções supremas e os gêneros supremos*, aos quais devem ser referidos os termos nos quais se decompõem o juízo e a proposição [...]. Trendelenburg observou que as categorias correspondem às *partes do discurso*: a primeira ao substantivo; a *quantidade* e o *qual* ao adjetivo: o *onde* e o *quando* aos advérbios de lugar e tempo; o *agir* e o *sofrer* à voz ativa e à voz passiva do verbo” (REALE, 1995, p. 42).

começava, não importa que tema, fazendo a distinção entre A e B, e remontava seu método a Aristóteles (FRY, 2010, p. 17).

Arendt publicou sua primeira obra intitulada *As origens do totalitarismo* (1951), retratando os movimentos políticos totalitários. Ela aponta o crescimento do antissemitismo, analisa o imperialismo colonial europeu e o totalitarismo.

*As origens do totalitarismo* é o sumo das reflexões de Arendt e Blücher sobre o que os obrigaram, e a muitos outros, a se exilar. Essa imediatez encobre o fato de que a preparação final do texto e sua publicação se deram na atmosfera densamente carregada dos primeiros anos da Guerra Fria (WATSON, 2001, p. 38).

Após sua fuga, emigrou para Nova York. “Arendt viveu o resto de sua vida nos Estados Unidos e tornou-se cidadã em 1951, dez anos depois de ter entrado no país” (FRY, 2010, p. 15). Nesse país, Arendt construiu sua jornada acadêmica na New School for Social Research. Faleceu em 1975. É autora, entre outros livros, de *A condição humana* (1958), *Entre o passado e o futuro* (1961), *Eichmann em Jerusalém* (1963), *Da revolução* (1963), *Homens em tempos sombrios* (1968), *Responsabilidade e julgamento* (2003) e *Compreender* (2008).

Por fim, Arendt em seu percurso de vida e a curiosa relação controversa entre filosofia e política, sempre buscou suscitar o ato do pensar. Ela tinha como imagem de si uma pensadora política. Em *A condição humana*, aborda as inquietações de ruptura trazida pelo regime totalitário acarretando na descartabilidade dos seres humanos.

## 1.2 OBRA - A CONDIÇÃO HUMANA

*A condição humana* foi publicado posteriormente à *As origens do totalitarismo*, dispondo assim de um mesmo cenário para sua compreensão. Suscita uma reflexão sobre a descartabilidade dos seres humanos da ruptura trazida pelos regimes totalitários. Tendo como tema central o “pensar o que estamos fazendo” (ARENDR, 2020, p. 6). Sendo seu objetivo uma análise fenomenológica das três principais

atividades humanas: trabalho, obra e ação. Logo, essas atividades fundamentais estabelecem a *vita activa* (vida ativa) da condição humana.

Por meio destas, Arendt propõe a distinção dos elementos que compõem a vida ativa. Assim dito, um dos caminhos mais relevantes apontados para a compreensão da razão da obra se encontra nos escritos finais em *As origens do totalitarismo*, intitulado 'Ideologia e terror'. Inclusive, o ambiente responsável que originou *As origens do totalitarismo* florescem os problemas enfrentados por Arendt em *A condição humana*<sup>5</sup> (ARENDRT *apud* CORREIA, 2020).

O antissemitismo, imperialismo e o totalitarismo, desencadearam o comportamento desumano a ponto de ser preciso o renascimento da dignidade humana. Por assim dizer, Arendt, com seu ato de coragem, aponta a importância do pensar, essa é a centralidade de *A condição humana*. Os horrores do totalitarismo emanam em Arendt a necessidade do surgimento de uma nova política para a dignidade humana ser restabelecida. Para Arendt (2012, p. 637), “o eu e o mundo, a capacidade de pensar e de sentir, perdem-se ao mesmo tempo”. Os regimes totalitários assumem esse papel de responsabilizar-se pela perda da pluralidade e da dignidade humana.

A versão definitiva de *A condição humana*, mais que uma resposta à pergunta sobre como e por que foi possível o totalitarismo, e mais que um exame da relação entre totalitarismo e tradição, converteu-se em uma fenomenologia das atividades humanas fundamentais no âmbito da vida ativa - o trabalho, a obra ou fabricação e a ação (ARENDRT *versus* CORREIA, 2020, p. XXIV).

Assim é visto a importância da distinção das atividades humanas, apresentada por Arendt. Fica claro que cada uma representa uma condição da vida humana, “o trabalho é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano [...]. A obra é a atividade correspondente à não-naturalidade [*unnaturalness*] da existência humana [...]. A pluralidade é a condição da ação humana” (ARENDRT,

---

<sup>5</sup> “Dever-se-ia observar que *A condição humana* foi o resultado da tentativa de Arendt de escrever um livro sobre o relacionamento entre totalitarismo e pensamento marxista. O concentrar-se em Marx levou Arendt a enxergar uma combinação entre labor e trabalho no pensamento dele, conduzindo a um ulterior mal-entendido da ação política. A teoria de Marx afirma problemáticamente que todas as pessoas são em primeiro lugar operárias e que todos os tipos de política estão relacionados com o laborar. Tais críticas aperfeiçoam-se na descrição que Arendt faz da política em *A condição humana*” (FRY, 2010, p. 65).

2020, p. 9-10). Logo, *A condição humana* está a todo momento deixando específico a fenomenologia das atividades fundamentais da *vita activa*.

No prólogo *A condição humana*, Arendt insiste que seu propósito não é fornecer respostas teóricas às perplexidades de nosso tempo - não é o de estabelecer uma filosofia política, tal como a tradição a compreendia, portanto -, Pois para esses problemas não há uma única solução possível, elas dependem do acordo de muitos e, assim, do intercâmbio público das opiniões de muitos (ARENDRT *apud* CORREIA, 2020, p. XXIV-XXV).

É importante recordar que Hannah Arendt considerava-se não como uma filósofa, mas sim uma pensadora política. Seu objetivo não era responder as perguntas que surgiam por meio de teorias, ela apontava para o sentido das ações cometidas, a falta do exercício do pensar. Que aliás a todo momento está propondo em *A condição humana*.

Dessa forma “o que estamos fazendo’ é abordado a partir de três atividades humanas fundamentais [...], numa ordem cronológica decrescente, quando o lúgubre balanço de Arendt sobre o moderno é comparado com a Antigüidade” (WATSON, 2001, p. 93). Portanto, sua obra traz algumas perplexidades exigindo do leitor uma certa compreensão dos clássicos. “Referências contínuas aos gregos têm agudizado o sentimento de desorientação experimentado por muitos leitores de *A condição humana*, que têm achado difícil compreender o que realmente sucede no livro” (ARENDRT *apud* CANOVAN, 2020, p. LII).

Uma vez que, o livro fala sobre a *vita activa* mas, com aprofundamento na leitura da obra, encontra-se novas possibilidades de reflexões que nela encontra-se contida que retrata a condição humana com mais amplitude. Por meio do seu conteúdo, é possível tirar várias vertentes de reflexões, principalmente sobre a ação política, estando seu pensamento muito presente na política contemporânea. Por isso, muitas das vezes seus leitores deparam com o efeito intrigante e revelador que o livro dispõe.

*A condição humana*, frequentemente citada como a contribuição central de Arendt à filosofia política (em oposição à ciência política) é um livro denso e, em alguns trechos, confuso. Mary McCarthy, em *The New Yorker*, diz que, tal como *As origens do totalitarismo*, o livro tem “a mesma facilidade de surpreender, e depois um suspense intrigante, para finalmente a seguir revelar-se com a nitidez da luz diurna (WATSON, 2001, p. 92).

Por conseguinte, é interessante se perguntar o porquê que Hannah Arendt escreveu *A condição humana*. Bem como o que a levou a fazer uma fenomenologia das atividades humanas e dos seus traços temporais. Por assim dizer, segundo Reynolds (2014, p. 162), Merleau-Ponty argumenta que a fenomenologia é, essencial e necessariamente, filosofia existencial”. Dessa maneira, pode-se afirmar que a obra de Arendt possui suas peculiaridades e nos seus escritos conteúdos inerentes à condição humana e não ao mundo das ideias<sup>6</sup>, ademais, o autor não apresenta a relação entre Hannah Arendt e Platão. Todavia, “quando publicou *A condição humana*, em 1958, ela mesma não lançou algo inesperado no mundo, e 40 anos mais tarde a originalidade do livro é tão impressionante quanto sempre foi” (ARENDRT *apud* CANOVAN, 2020, p. LI).

Portanto, constata-se que a motivação foi devido a opressão do regime político da sua época, levando em consideração que ela é de origem judaica e como é bem sabido os judeus estavam sendo exterminados pelos regimes totalitários: antissemitismo, imperialismo e o totalitarismo. Bem como a teoria marxista do trabalho teve uma grande influência na modernidade. Arendt critica seu pensamento, em que se afirma o homem sendo antes de tudo operário. Assim, ambas as concepções, o totalitarismo e a teoria marxista, tendo algo em comum que é a negação ou mau entendimento da ação política que cada ser humano dispõe em sua condição humana. Consequentemente “o livro é um apelo à restauração da liberdade política” (WATSON, 2001, p. 94). Em vista disso, a descartabilidade dos seres humanos foi o ponto de partida para a escrita de *A condição humana*.

Assim dito, Hannah Arendt, em *A condição humana* faz suas considerações de como se deu a origem da obra que por primeiro chamava-se “*Vita activa*”.

O presente estudo resultou de uma série de conferências realizadas sob os auspícios da Charles R. Walgreen Foundation, em abril de 1956, na Universidade de Chicago, com o título “*Vita activa*”. Nos estágios iniciais deste trabalho, que remontam ao início da década de 1950, recebi uma subvenção da Simon Guggenheim Memorial Foundation e, na fase final, fui auxiliada imensamente por uma

---

<sup>6</sup> “Idéia, de *idein*, que quer dizer ver, corresponde a *forma*. Primeiro significa a forma sensível em geral, depois, na linguagem filosófica, assume significado técnico ontológico e metafísico. O termo torna-se famoso com Platão, o qual, em consequência das conquistas da “segunda navegação”, chama *Idéia a realidade supra-sensível*, o modelo, o paradigma inteligível, o ser puro” (REALE, 1995, p. 131).

subvenção da Rockefeller Foundation. No outono de 1953, o “Christian Gauss Seminar in Criticism”, da Princeton University, ofereceu-me a oportunidade de apresentar algumas de minhas ideias em uma série de conferências com o título “Karl Marx e a tradição do pensamento político”. Ainda hoje sou muito grata pela paciência e pelo incentivo com os quais essas primeiras tentativas foram acolhidas e pela vívida troca de ideias com autores dos Estados Unidos e do exterior, para a qual aquele seminário, único nesse particular, constitui uma excelente caixa de ressonância (ARENDDT, 2020, p. 405).

Por conseguinte, a obra dispõe de uma análise fenomenológica dos conceitos das principais atividades da condição humana. Assim, propondo “uma reconsideração da condição humana” (ARENDDT, 2020, p. 6), suscitando a reflexão sobre a importância da atitude do pensar, sendo que a liberdade da ação política é um dos pontos principais que Arendt busca salientar com o exercício do pensamento em sua obra *A condição humana*.

### 1.3 A CONDIÇÃO HUMANA NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Para melhor compreensão do pensamento da condição humana de Arendt, cabe este tópico ser dividido em duas partes. Primeiro será apresentado o subtópico em que Arendt aborda sobre a *vita activa* e a condição humana para obter-se o entendimento do processo que ambas dispõem ao ser humano por meio da natalidade. E o segundo subtópico, uma síntese sobre o termo *vita activa*, relatando a origem do termo e a concepção de Arendt em sua teoria política.

#### 1.3.1 A *vita activa* e a condição humana

Hannah Arendt ao apresentar a *vita activa*, está falando de três atividades humanas fundamentais: trabalho, obra e ação. Ela apresenta como “fundamentais porque a cada uma delas correspondem uma das condições básicas sob as quais a vida foi dada ao homem na Terra” (ARENDDT, 2020, p. 9). Sendo que essas atividades ocorrem nas esferas pública e

privada. O trabalho e a obra se encontram nos espaços privados e a ação é a atividade política por essência no espaço público. Logo, Arendt expressa que cada uma dessas atividades possui uma condição humana e que somos seres condicionados.

Segundo Arendt (2020), o sistema biológico do corpo humano é correspondido pela atividade do trabalho. Pois, o trabalho é responsável pelo sustento da vida humana, sendo por meio desse processo que às necessidades vitais do corpo humano são supridas. A condição humana do trabalho é pelo fato da existência da vida, logo a vida é a condição humana do trabalho. Portanto, o trabalho é o processo biológico que mantém a vida e a sua condição humana torna-se necessária para a realização do ciclo vital.

A obra é a atividade que não se encontra no mundo natural da existência humana, assim não fazendo parte do ciclo vital, introduzida naturalmente na vida da espécie. Bem como, o fato da finitude, ou seja, a morte, não é justificada perante a influência dessa atividade. “A obra proporciona um mundo ‘artificial’ de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural” (ARENDR, 2020, p. 9). Por assim dizer a mundanidade torna-se a condição humana da obra.

Porventura, a ação é a atividade que apresenta a pluralidade como a condição humana. Essa é a única das três atividades que não está ligada às coisas ou à matéria, em virtude de o mundo ser habitado por muitos e não por um único homem. Bem como é a atividade que representa a ação política e diante disso não há a participação das coisas e ou das matérias em sua essência. “Embora todos os aspectos da condição humana tenham alguma relação com a política, essa pluralidade é especificamente a condição - não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* - de toda vida política” (ARENDR, 2020, p. 9).

Todavia, a pluralidade é tida como a condição humana da ação devido seu significado remete a muitos, os seres humanos, sendo todos iguais pelo fato de fazer parte da mesma espécie. Contudo, cada indivíduo é único, sendo identificado pelo seu eu com sua identidade própria, sem a possibilidade de ter dois seres iguais, mesmo que as aparências dizerem o contrário.

Por assim dizer, a percepção humana costuma ser enganadora. Como por exemplo, o caso de dois embriões serem fecundados e haver um nascimento a qual os aspectos físicos afirmarem serem iguais. Entretanto, sua identidade e todo o seu ser difere-se um do outro, cada um possuindo sua integridade política, ética e moral,

participando das esferas públicas e privadas segundo o condicionamento que lhe é conduzido. Logo, especificando que a atividade da ação se encontra na esfera pública que é a ação política por natureza da condição humana de cada ser humano.

Todavia, conforme Arendt (2020, p. 11),

todas as três atividades e suas condições correspondentes estão intimamente relacionadas com a condição mais geral da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade. O trabalho assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. A obra e seu produto, o artefato humano, conferem uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança [*remembrance*], ou seja, para história.

Diante disso, as três atividades também possuem um papel indubitável na natalidade, que é preparar e cuidar do mundo, para acolhida constante dos recém-chegados, em suas necessidades em um mundo estranho. Para isso o mundo deve ser provido e preservado para recepcionar novas vidas, mediante a cada respectiva função das atividades, elas possuem essas responsabilidades. Consequentemente, o recém-nascido é condicionado ao viver na terra e as atividades são tidas como condição humana, indispensável para sua sobrevivência.

Das três atividades, a ação tem a relação mais estreita com a condição humana da natalidade; [...] porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. [...] Além disso, como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode ser a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico (ARENDR, 2020, p. 11).

Inquestionavelmente, para Hannah Arendt os humanos são condicionados. Dessa forma, dois fatores importantes da vida humana é o fato de que o homem é um ser condicionado e condicionante. Esse condicionamento deriva da questão que o mundo é um ambiente condicionante e por assim dizer apresenta suas condições à vida humana e suas relações com o meio biológico. Assim, exigindo dos hóspedes um certo respeito pela natureza. Por esse motivo desde o nascimento, o homem em seu ciclo de vida é um ser condicionado pela natureza terrena. Bem como é considerável salientar que “a condição humana compreende mais que as condições sob as quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados, porque



tudo aquilo com que eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência” (ARENDR, 2020, p. 11).

Ademais, é um ser condicionante pelo motivo de criarem suas próprias condições. E em paralelo e a partir das condições impostas pela natureza a condição humana os interpela a produção de coisas. Bem como suas ideologias tornam-se berços condicionantes da “casa comum”<sup>7</sup>, e também condições de si mesmos. Todavia, “a despeito de sua origem humana e de sua variabilidade, possuem o mesmo poder condicionante das coisas naturais” (ARENDR, 2020, p. 12). Portanto, as ações dos seres humanos, sejam elas quais forem, em consonância com o planeta onde vivem os fazem sempre seres condicionados<sup>8</sup>.

Atualmente, um exemplo do condicionamento humano é a Pandemia que o mundo está sofrendo. Os seres humanos estão sendo condicionados pelo vírus Covid-19, afetando a vida ativa das pessoas em todos os âmbitos possíveis. No tempo de Arendt o regime totalitário era um forte condicionante da vida do homem, salientando o massacre do povo judeu. Levando em consideração que era um fator condicionado pela ação do homem e não da natureza biológica terrena. Assim em consonância com a Covid-19, afetando a vida política das pessoas. Arendt deixa claro que o homem é um ser condicionado tanto pelas coisas naturais que o mundo apresenta, bem como pelo que o homem traz ao mundo, para sua existência.

As condições da existência humana - a vida, a natalidade e a mortalidade, a mundanidade, a pluralidade e a Terra - jamais podem ‘explicar’ o que somos ou responder à pergunta sobre quem somos, pela simples razão de que jamais nos condicionam de modo absoluto. Essa sempre foi a opinião da filosofia, em contraposição às ciências (antropologia, psicologia, biologia etc.) que também se ocupam do homem (ARENDR, 2020, p. 14).

---

<sup>7</sup> (FRANCISCO, 2015). Termo usado pelo Papa Francisco, referindo ao planeta terra na carta encíclica, *Laudato Si*.

<sup>8</sup> “Posto que Arendt enfatize que as pessoas são seres condicionados, ela sublinha o fato de que não está falando a respeito da natureza humana, porque as condições da humanidade podem mudar, diferentemente da natureza humana. O exemplo que ela apresenta de alteração da condição humana é que os seres humanos poderiam emigrar para outro planeta, o que modificaria radicalmente as condições de vida e suas respectivas atividades. Destarte, a discussão de Arendt, mais uma vez, não se concentra na essência do tema tratado, mas em descrever como os conceitos de atividade humana surgiram e se alteraram no transcurso do tempo (HC 10)” (FRY, 2010, p. 65).

Portanto, por sermos seres condicionados não quer dizer que somos inúteis. Como foi explícito por Arendt, jamais seremos absolutamente condicionados e isso delibera a capacidade inerente do pensar que cada um possui. Uma vez que as capacidades humanas são introduzidas na *vita activa*, encontram-se longe de serem esgotadas. Logo, o ambiente terreno não é o limite<sup>9</sup> para os seres humanos e do seu ato de agir.

Embora a natureza humana e a condição humana parecerem ter o mesmo significado, elas são divergentes. Por isso, “para evitar mal-entendidos: a condição humana não é o mesmo que a natureza humana, e a soma total das atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constitui algo que equivalente à natureza humana” (ARENDR, 2020, p. 12). O problema da natureza humana é o fato que o homem se torna para ele mesmo. No sentido que ele pode conhecer, determinar e definir as essências naturais de possivelmente todas as coisas que o rodeia, mas é improvável que seria capaz de fazer o mesmo a seu próprio respeito.

Além disso, nada nos autoriza a presumir que o homem tenha uma natureza ou essência no mesmo sentido em que as outras têm. Em outras palavras, se temos uma natureza ou essência, então certamente só um deus poderia conhecê-la, e a primeira pré-condição é que ele pudesse falar de um “quem” como se fosse um “que”.<sup>10</sup> A perplexidade decorre do fato de as formas de cognição humana aplicáveis às coisas dotadas de qualidades “naturais” - inclusive nós humanos, na medida limitada em que somos exemplares da espécie de vida orgânica mais altamente desenvolvida - de nada nos valerem quando levantamos a pergunta: e *quem* somos nós? É por isso que as

---

<sup>9</sup> Hoje podemos dizer que já demonstramos, mesmo cientificamente, que, embora vivamos agora sob condições terrenas, e provavelmente viveremos sempre, não somos criaturas terrenas. A moderna ciência natural deve os seus maiores triunfos ao fato de ter considerado e tratado a natureza terrena de um ponto de vista verdadeiramente universal, isto é, de um ponto de vista arquimediano escolhido, voluntariamente, fora da Terra (ARENDR, 2020, p. 14).

<sup>10</sup> Agostinho geralmente considerado o primeiro a levantar a chamada questão antropológica na filosofia, sabia disso muito bem. Estabelece uma distinção entre as questões “Quem sou?” e “O que sou?": a primeira é feita pelo homem a si próprio (“E dirigi-me a mim mesmo e disse-me: Tu, quem és tu? E respondi: Um homem” - *tu, qui es?* [Confissões, x. 6]), e a segunda é dirigida a Deus (“O que sou então, meu Deus? Qual é a minha natureza?” - *Quid ergo sum, Deus meus? Quae natura sum?* [x. 17]). Pois no “grande mistério”, no grande *profundum* que é o homem [iv. 14], há “algo do homem [*aliquid hominis*] que o espírito do homem que nele está não sabe. Mas tu, senhor, que o fizeste [*fecisti eum*], tudo sabes a seu respeito [*eius omnia*]” [x. 5]). Assim, a mais conhecida dessas frases que citei no texto, a *quaestio mihi factus sum*, é uma questão para mim mesmo” (x. 33). Em resumo, a resposta à questão “Quem sou?” é simplesmente: “És um homem - seja isso o que for”; e a resposta à questão “O que sou?” só pode ser dada por Deus, que fez o homem. A questão da natureza do homem é uma questão teológica tanto quanto a questão da natureza de Deus; ambas só podem ser resolvidas dentro da estrutura de uma resposta divinamente revelada (ARENDR, 2020, p. 13).

tentativas de definir natureza humana resultam quase invariavelmente na construção de alguma deidade, isto é, no deus dos filósofos que, desde Platão, revela-se, em um exame mais acurado, como uma espécie de ideia platônica do homem (ARENDR, 2020, p. 13-14).

Assim sendo, a condição humana no pensamento de Arendt encontra-se imbuída não na natureza humana, mas sim no recorrente da vida ativa. Sendo o indivíduo um ser político, estando sujeito às três principais atividades da condição humana. Logo, o planeta terra sendo o habitat dos humanos compartilhada com outras vidas biológicas, para Arendt (2020), com a ciência moderna não seria de todo impossível uma mudança radical da condição humana migrando para outro planeta. Assim havendo uma mudança de comportamento com a vida ativa e mesmo com o pensamento como conhecemos, contudo, permanecemos sendo seres condicionados.

### 1.3.2 O termo *vita activa*

O termo *vita activa* é fundamentado por Arendt da tradição filosófica grega, retorna ao pensamento daquela época para conceitualizar sua concepção política e alimentada das experiências históricas da *pólis*, ela constitui sua teoria. Afirma Arendt (2020, p. 15) que, “o termo *vita activa* é carregado e sobrecarregado de tradição”. Dessa forma, Arendt ao retornar à antiga Grécia utiliza apenas o que lhe cabe do pensamento político para a conceitualização de sua teoria.

Apesar de suas críticas à teoria platônica, Arendt recorre à antiga Grécia em busca de inspiração para sua própria teoria política. Contudo, mais do que procurar a tradição filosófica para ideias acerca de como a esfera política deveria ser teorizada, Arendt retorna a categorias pré-filosóficas com vistas a recuperar a importância da política e da vida ativa na democrática antigas (FRY, 2010, p. 64).

Por sua vez, três distintas opções de vida foram apresentadas por Aristóteles, *bios politikos*, a fim de que os homens pudessem livremente optar, sem nenhuma dependência que a vida e suas relações haveriam de exigir. “A principal diferença entre o emprego aristotélico e o posterior emprego medieval do termo é que o *bios*

*politikos* denotava explicitamente somente domínio dos assuntos humanos, com ênfase na ação, *práxis*, necessária para estabelecê-lo e mantê-lo” (ARENDDT, 2020, p. 16).

Todavia as atividades do trabalho e da obra exercida na *pólis* não possuíam a dignidade equivalente para “constituir um *bios*, um modo de vida autônomo e autenticamente humano” (ARENDDT, 2020, p. 16). Devido que essas atividades ligadas ao homem supriam suas carências, sendo impedidas de serem independentes. Para os gregos o modo de vida constituída formava uma conjuntura de vida política organizada de livre escolha “e de modo algum apenas uma forma de ação necessária para manter os homens juntos de um modo ordeiro” (ARENDDT, 2020, p. 17).

Com o desaparecimento da antiga cidade-Estado [...], a expressão *vita activa* perdeu o seu significado especificamente político e passou a denotar todo tipo de engajamento ativo nas coisas deste mundo. [...]. De fato, o oposto era verdadeiro: a ação passara a ser vista como uma das necessidades da vida terrena, de modo que a contemplação (o *bios theoretikos*, traduzido como *vida contemplativa*) era agora o único modo de vida realmente livre (ARENDDT, 2020, p. 17).

Arendt ao levantar suas considerações sobre a origem política grega, remonta que no decorrer do tempo os conceitos sofreram alterações “e determina quando a confusão conceitual surgiu em todo o conceito” (FRY, 2010, p. 65). Assim, Arendt em *A condição humana*, busca compreender como os conceitos das atividades da *vita activa* não eram devidamente distinguidas, e durante seus traços temporais os conceitos sofreram alterações.

Portanto, ao longo dos escritos da obra, Arendt deixa evidente que a vida ativa na antiguidade política era sacrificada pelo modo de vida contemplativa. Desta forma, *A condição humana* é também um convite a investigação acerca das distinções que cada atividade assume em seu significado. Bem como seu pensamento político, encontra-se numa posição em que cabe na modernidade e que se segue relevantes nos tempos atuais a vida ativa como a condição humana de cada indivíduo. Sendo que os gregos tinham a *vita activa* denotando um significado da vida contemplativa. Por outro lado, no pensamento de Arendt, o conceito recebe um significado diferente da contemplativa. Contudo, sem especificações quais das duas seria superior ou inferior.

No capítulo seguinte nos adentraremos no tema central desta pesquisa. Serão analisadas as três principais atividades da condição humana, trabalho, obra e ação no pensamento de Hannah Arendt. Essas atividades compondo a *vita activa* suscitou Arendt a fazer uma fenomenologia distinguindo seus conceitos, não realizadas na antiguidade. Bem como, a análise dessas atividades é o objetivo deste trabalho, visando chegar-se a uma resposta do fundamento da análise das atividades proposto pela autora.

## CAPÍTULO II AS TRÊS ATIVIDADES DA *VITA ACTIVA*

Este capítulo tem por objetivo analisar as atividades da *vita activa* e será dividido em três partes, cada uma delas apresentará uma atividade correspondente à condição humana de forma hierárquica, trabalho (atividade do *animal laborans*), obra (atividade do *homo faber*) e ação. Sendo que a ação é a atividade de todo ser político e se encontra no topo da pirâmide e a atividade do trabalho a base, logo, a obra é a mediana da hierarquia.

Para Arendt, a atividade da ação é a mais importante dentre elas, pois é a partir da ação que o ser humano forma o corpo político, sua mentalidade e execução tanto nas esferas do público como no privado, lembrando que essa atividade é a responsável pela liberdade de cada indivíduo que suscita a atividade do pensar e provoca uma reação diante da realidade a qual se vive podendo libertar-se das amarras às quais se encontra condicionada.

A obra é aquela atividade que muitas vezes é confundida com a realização da atividade do trabalho. Ela responsável é o resultado das invenções humanas que permanece mais duradouro entre os homens desgastando na medida do seu uso, é o caso de um objeto fabricado como uma mesa, por exemplo, e conforme é utilizado o desgaste se faz presente. Porém, com a vida mais longa do que as elaborações da atividade do trabalho.

A condição humana do trabalho é a base de todas as atividades da *vita activa* devido seu dever ser suprir o necessário para manter a vida biológica, ou seja, o sustento da vida humana. Por esse motivo, o laborar produz algo que sua existência é de curto prazo. É o caso da fabricação do padeiro, o pão não tem nem a oportunidade de esfriar-se e sua existência é consumida ao ser degustado. Por isso, como diz Arendt, a condição humana do trabalho é a vida, porque ela é geradora de vida na medida que gera o sustento.

Portanto, neste capítulo, pretende-se não fazer uma análise de todos os pontos abordados por Hannah Arendt, em *A condição humana*, apresentadas nos capítulos: III, IV e V. Mas sim, fazer uma análise de alguns pontos sobre trabalho, obra e ação.

## 2.1 TRABALHO

No primeiro tópico “o trabalho de nosso corpo e a obra de nossas mãos” do capítulo III em *A condição humana*, Arendt aborda sobre o trabalho buscando apresentar sua análise da distinção que propõe acerca do trabalho e obra, “a distinção que proponho entre trabalho e obra é inusitada” (ARENDR, 2020, p. 98). Para Arendt, há uma evidência fenomênica que comprova a distinção entre as duas atividades, havendo nas antigas e modernas, línguas europeias, possuindo “duas palavras etimologicamente independentes para designar o que viemos a considerar como a mesma atividade” (ARENDR, 2020, p. 98), e essas palavras eram tidas como sinônimas<sup>11</sup>.

O emprego antigo e o emprego moderno das duas palavras como sinônimas fracassou inteiramente, a saber, na formação do substantivo correspondente. Mais uma vez, encontramos aqui completa unanimidade: a palavra “trabalho” [*labor*], compreendida como substantivo, jamais designa o produto final, o resultado da ação de trabalhar, mas permanece como um substantivo verbal classificado com o gerúndio, enquanto o nome do próprio produto é invariavelmente derivado da palavra para obra, mesmo nos casos em que o uso corrente seguiu tão de perto a evolução moderna que a forma verbal da palavra “obra” se tornou um tanto antiquada (ARENDR, 2020, p. 99).

Dessa forma, Arendt apresenta que na antiguidade o trabalho era desprezado por motivo de não ser digno de ser lembrado, por isso, a distinção entre trabalho e obra permaneceu ignorada. Para os gregos a vida contemplativa e não a vida ativa, no sentido que Arendt aborda, era a mais importante e para se sentirem livres havia a necessidade de outros homens a seus serviços, ou seja, os escravos, que naquela época denota um sentido totalmente diferente da escravidão de nossa era<sup>12</sup> para a

---

<sup>11</sup> Assim, a língua grega distingue entre *ponen* e *ergazesthai*, o latim entre *laborare* e *facere* ou *fabricari*, que têm a mesma raiz etimológica, o francês entre *travailler* e *ouvrier*, o alemão entre *arbeiten* e *werken*. Em todos esses casos, apenas os equivalentes de “trabalho” têm uma conotação inequívoca de dores e penas. O alemão *Arbeit* se aplicava originalmente apenas ao trabalho agrícola executado por servos, e não à obra do artesão, que era chamada *Werk*. O francês *travailler* substituiu o mais antigo *labouere* e deriva de *tripalium*, uma espécie de tortura (ARENDR, 2020, p. 98).

<sup>12</sup> O costume político anterior, que precedeu o pleno desenvolvimento da cidade-Estado, meramente distinguia entre escravos - inimigos vencidos (*dmões* ou *douloi*) que eram levados para a casa do vencedor juntamente com outros despojos de guerra e lá, como moradores da casa (*oiketai* ou

antiguidade a servidão era necessária para “a manutenção da vida” (ARENDR, 2020, p. 102), e não meros servidores.

A instituição da escravidão na Antiguidade, embora não em épocas posteriores, não foi um artifício para obter mão de obra barata nem um instrumento de exploração para fins de lucro, mas sim a tentativa de excluir o trabalho das condições da vida do homem. Tudo o que os homens tinham em comum com as outras formas de vida animal não era considerado humano. (Essa era também, por sinal, a razão da teoria grega, tão mal interpretada, da natureza inumana do escravo.<sup>13</sup> (ARENDR, 2020, p. 103).

Todavia, para Arendt não é nada surpreendente sobre a indistinção entre trabalho e obra na antiguidade clássica. Diante da falta da distinção dessas atividades, ela afirma que somente restou um critério para ser questionado “é em privado ou em público que se gasta a maior parte do tempo e do esforço?” (ARENDR, 2020, p. 104). E mesmo assim os filósofos ignoraram essas distinções, tomando por comum todas as atividades da *vita activa*, inclusive a atividade política segundo ela “rebaixada à posição da necessidade” (ARENDR, 2020, p. 104). Assim, perdendo sua essência de liberdade.

Por conseguinte, na modernidade acerca dessas distinções não foi muito diferente. Na era moderna como diz Arendt, houve a inversão das hierarquias das atividades, bem como as tradições, “tanto a posição tradicional da ação e da contemplação como a tradicional hierarquia dentro da *vita activa*” (ARENDR, 2020, p. 105), tornando o trabalho a excelência da condição humana. Todavia, mesmo nos tempos modernos diz Arendt (2020, p. 105) que, “à posição tradicionalmente ocupada pelo *animal rationale* - não tenha engendrado uma única teoria que distinguir-se claramente entre o *animal laborans* e o *homo faber*<sup>14</sup>, entre ‘o trabalho do nosso corpo e a obra de nossas mãos’”. Por conseguinte, o que ficou claro na era moderna acerca

---

*familiares*), trabalhavam como escravos para prover o próprio sustento e o dos seus senhores - e *dēmiourgoi*, os operários do povo em geral, que tinham liberdade de movimento fora do domínio privado e dentro do domínio público (ARENDR, 2020, p. 100).

<sup>13</sup> Aristóteles, que sustentou tão explicitamente essa teoria e depois, no leito de morte, alforriou seus escravos, talvez não fosse tão inconsistente como tendem a pensar os modernos. Ele negava não a capacidade dos escravos para serem humanos, mas somente o emprego da palavra “homens” para designar membros de espécie humana enquanto estivessem totalmente sujeitos à necessidade (ARENDR, 2020, p. 102).

<sup>14</sup> O *animal laborans* é o exercício da atividade do trabalho e o *homo faber* da obra.



do trabalho pelos dois grandes teóricos Adam Smith e Karl Marx é a análise feita por Arendt.

Ao invés disso, encontramos primeiro a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo, e, um pouco mais tarde, a diferenciação entre obra qualificada e não qualificada, e, finalmente, sobrepondo-se a ambas, por ser aparentemente de significação mais fundamental, a divisão de todas as atividades em trabalho manual e intelectual (ARENDDT, 2020, p. 105).

Assim sendo, o que levou o trabalho nos tempos modernos a assumir o posto mais importante da hierarquia das atividades humanas foi segundo Arendt, a sua produção. E diante da diferença entre o que o *animal laborans* e o *homo faber* possui por exercício próprio apresentado por Arendt, e tida até então sem essa distinção, é o absurdo que Marx pregava e era levada em consideração pela era moderna, que “a noção aparentemente blasfema de Marx de que o trabalho (e não Deus) criou o homem, ou de que o trabalho (e não a razão) distingue o homem dos outros animais” (ARENDDT, 2020, p. 105). Assim, gerando tal absurdo paradoxo na modernidade.

Assim dito, no pensamento de Hannah Arendt em conformidade com a tradição antiga em vista da era moderna, a atividade do trabalho teria sido mal interpretada e posicionada em um patamar não adequado pela visão marxista. Em ambas as épocas a atividade do trabalho não era distinguido da obra, enquanto na antiguidade o trabalho não era reconhecido como digno do exercício da pessoa humana, assim retirada da vida da *pólis* deixando como critério para os escravos. Em controvérsia, nos tempos modernos o trabalho foi exaltado e colocado no topo da pirâmide hierárquica como a mais importante atividade humana em vista da riqueza da produtividade.

Se considerarmos agora a inversão na era moderna, percebemos imediatamente que sua característica mais importante a este respeito é sua glorificação do trabalho, certamente a última coisa que qualquer membro de uma das comunidades clássicas, seja ela Roma ou a Grécia, teria considerado como digna desta posição (ARENDDT, 2019, p. 178).

Portanto, a função que cada pessoa exerce é correspondente da vida ativa da condição humana. As três atividades analisadas por Arendt, trabalho, obra e ação, formam a tríade identificadora de uma vida em constante movimento denominado por

Hannah Arendt de *vita activa*. Das três atividades humanas, o trabalho torna-se a identidade moderna ao contrário da sociedade antiga tendo a ação política como a excelência da *pólis*.

Antes de tudo, para Marx o processo de produzir valores-de-uso provém dos recursos da força do trabalho que é o próprio trabalho. A definição marxista acerca do trabalho é que,

o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defrontando-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo - braços e pernas, cabeça e mãos -, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (MARX, 2006, p. 211).

Assim, fica mais claro o entendimento da não utilização do termo trabalho e obra no pensamento de Marx, esclarecendo a não distinção entre o trabalho para sustento da vida biológica e o trabalho que produz coisas com mais durabilidade de vida para o uso, tomando como exemplo a obra do tecelão. A visão marxista da vida ativa do homem é voltada para o trabalho como fonte de riqueza por meio da utilização dos recursos naturais da natureza com o olhar para a produtividade, dessa forma, utilizando dos recursos do *homo faber* sem que ele mesmo dar-se conta dessa diferença entre trabalho e obra, refletida por Arendt durante sua vida.

A princípio, para Hannah Arendt, o caráter de coisa do mundo, advém da reflexão da sua localização e a partir da sua existência e suas características. Pode-se tomar por exemplo o descaso pelo trabalho na antiguidade e sua glória na modernidade, segundo Arendt (2020) como “atitude subjetiva”. Levando-se em consideração que a teoria marxista do trabalho envolve a produtividade “e não na qualidade ou no caráter das coisas que ele produz” (ARENDR, 2020, p. 115). Bem como, em concordância com a autora as opiniões gregas levavam em conta que os pintores eram superiores aos escultores, mas na verdade ela mesma esclarece que os gregos tinham um maior respeito pela escultura<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> “Pelo contrário, é duvidoso que qualquer pintura fosse jamais tão admirada quanto a estátua do Zeus de Fídias em Olímpia, cujo poder mágico, segundo se dizia, fazia qualquer um esquecer suas aflições e penas; quem não a tinha visto vivera em vão etc” (ARENDR, 2020, p. 115).

Diante disso, Arendt pretende dizer que tanto na teoria clássica como na moderna, o caráter de coisa do mundo não foi visto em seu aspecto mundano,

parece que a distinção entre trabalho e obra, que os nossos teóricos tão obstinadamente negligenciaram e nossas línguas tão aferradamente conservam, torna-se realmente apenas uma diferença de grau quando não se leva em conta o caráter mundano da coisa produzida - sua localização, sua função e a duração de sua permanência no mundo (ARENDR, 2020, p. 115).

Outra característica importante da atividade humana segundo Hannah Arendt, é a atividade do pensar. Esse, não necessário ser reconhecido pelos nossos sentidos para sua existência, “embora relacionada com o mundo exterior de muitas maneiras, não se manifesta nele necessariamente, nem precisa ser ouvida, vista, usada ou consumida para ser real: a atividade do pensar” (ARENDR, 2020, p. 116). Bem como, o pensar não apenas encontra-se na filosofia arendtiana, mas também de maneira distinta, se faz presente na de Descartes onde ele afirma em sua obra *Discurso do método*, que o ser humano reconhece a sua existência através do pensamento, “penso, logo existo”. Em concordância com Arendt, Xarão (2000, p. 127), afirma que “o pensamento é a capacidade humana que transforma o sentimento (um atributo do animal humano), em si mesmo mudo e não narrável, em alguma coisa que pode pertencer ao mundo, ou seja, um objeto visível, uma obra de arte”.

Diante do exposto acerca do pensar por Arendt, pode-se perguntar: qual é a sua relação com as três principais atividades da *vita activa*? buscando aqui destacar a atividade do trabalho. Levando em consideração que para Arendt, a ação e o discurso são intrínsecos à ação política, possuindo algo muito mais em comum com o pensamento do que com a obra e o trabalho. Diferentemente das coisas produzidas pelo *homo faber* e o *homo laborans*, tanto a ação quanto o pensamento “por si próprios, não ‘produzem’ nem geram coisa alguma: são tão fúteis quanto a vida” (ARENDR, 2020, p. 116-117). Por assim dizer, a relação mais próxima entre as três atividades com o pensamento é como a autora diz,

todo o mundo factual dos assuntos humanos depende, para sua realidade e existência contínua, em primeiro lugar da presença de outros que tenham visto e ouvido e que se lembram; e, em segundo lugar, da transformação do intangível na tangibilidade das coisas (ARENDR, 2020, p. 117).

Todavia, Arendt, ao refletir sobre trabalho e vida, busca deixar claro que a tangibilidade das coisas, no caso das menos duráveis, são as mais importantes para manter a vida. Aqui vemos mais próximo o que a atividade do trabalho produz, a sua função específica dentre as demais, sendo que cada uma possui algo diferente para oferecer ao homem na sua condição de vida. Já é percebido que o trabalho e a obra se não esclarecido torna-se confuso distinguir a função de cada uma.

Ao contrário da *atividade da obra [working]*, que termina quando o objeto está acabado, pronto para ser acrescentado ao mundo comum de coisas, a *atividade do trabalho [laboring]* move-se sempre no mesmo círculo prescrito pelo processo biológico do organismo vivo, e o fim de suas “fadigas e penas” só advém com a morte desse organismo (ARENDR, 2020, p. 120).

Portanto, das atividades humanas a que está mais estreita com a natureza é o trabalho, é “a atividade que medeia a relação do homem com a natureza [...], e sua condição geral é a vida” (XARÃO, 2000, p. 127). Para Hannah Arendt, em uma sociedade de consumidores,

o perigo é que tal sociedade, deslumbrada pela abundância de sua crescente fertilidade e presa ao suave funcionamento de um processo interminável, já não seria capaz de reconhecer a sua própria futilidade - a futilidade de uma vida que ‘não se fixa nem se realiza em assunto algum que seja permanente, que continue a existir depois de terminado [seu] trabalho (ARENDR, 2020, p. 167).

Por assim dizer, na contemporaneidade o trabalho não é apenas visto como subsistência da vida, encontra-se também fortemente ligado ao acúmulo do capital, influência essa, alimentada pela era moderna, propriamente do pensamento marxista que visa o aumento da produção conduzindo ao acúmulo. O lucro por meio do trabalho é um dos fatores que em nossos tempos difere do modo de vida da cidade antiga, se há escravização nos tempos atuais é pela rentabilidade e não pela necessidade como na antiguidade no modo de pensar dos gregos. O capitalismo é um dos condicionantes dos seres humanos, mais perceptíveis nos tempos atuais, dessa forma é interessante se perguntar e refletir o que Arendt propõe em sua obra *A condição humana* sobre “pensar o que estamos fazendo”.

Assim dito, a atividade do trabalho é produtora do sustento humano, é o processo que em constante movimento regenera o ciclo vital da vida biológica.

Primeiramente, a atitude de colocar-se ao trabalho é regido pela necessidade da sustentabilidade da vida. Para Hannah Arendt (2020), trabalhar era visto pela antiguidade ser “escravizado pela necessidade”. Sendo que essa necessidade, não é uma escolha, como se a pessoa quisesse fazer de algo necessário, aqui ao falar dessa atividade assim como as demais, é apresentando-as da forma que são, condição humana. Por isso, é que ocorre às exigências da subsistência do processo vital.

## 2.2 OBRA

Hannah Arendt inicia o capítulo sobre a atividade da obra, falando sobre a durabilidade do mundo, apresentando a distinção da obra, operada pelo *homo faber*, do trabalho, operada pelo *animal laborans*. Para ela, o que é produzido pela obra é distinto dos produtos do trabalho, “obra de nossas mãos, distintamente do trabalho do nosso corpo - o *homo faber*, que produz e literalmente ‘opera em’<sup>16</sup>, distintamente do *animal laborans*, que trabalha e ‘se mistura com’” (ARENDR, 2020, p. 169). A obra constitui-se na fabricação de infinitas variedades de coisas “cuja soma total constitui o artifício humano” (ARENDR, 2020, p. 169). Arendt deixa claro que os produtos da obra são objetos de uso com o espaço de vida duradouro não consumida durante o ciclo vital.

Assim dito, não há um desaparecimento desses objetos, pois sua existência não é para servir de consumo para o sustento da vida biológica, mas sim de ser utilizada para os artifícios humanos. Para Arendt, “elas dão ao artifício humano a estabilidade e a solidez sem as quais não se poderia contar com ele para abrigar a criatura a mortal e instável que é o homem” (ARENDR, 2020, p. 169). Embora, ao usarmos causa o desgaste sem que consumamos, sendo os artifícios humanos não eternos. Diante disso, Arendt (2020, p. 170), afirma, “o que o uso desgasta é a

---

<sup>16</sup> A palavra latina *faber*, que provavelmente se relaciona com *facere* (“fazer alguma coisa”, no sentido de produção), designava originariamente o fabricante e artista que operava sobre materiais duros, como pedra ou madeira; era também usada como tradução do grego *tektōn*, que tem a mesma conotação. A palavra *fabri*, muitas vezes seguida de *tignarii*, designava especialmente operários de construção e carpinteiros. Não pude determinar onde e quando a expressão *homo faber*, certamente de origem moderna e pós-medieval, surgiu pela primeira vez. Jean Leclercq (“Vers la société basée sur le travail”, *Revue du travail*, v. LI, n.3 [mar. 1950]) sugere que foi Bergson quem “lançou o conceito de *homo faber* na circulação das ideias” (ARENDR, 2020, p. 169).

durabilidade”. Bem como, o que é evidente sobre a independência das coisas do mundo dos homens, é justamente essa durabilidade, que por sinal, o *homo faber*, produzem e tendo como “objetivo” a utilização desses objetos.

A obra ou fabricação (*work* ou *fabrication*), por sua vez, produz um mundo artificial de coisas, diferente de qualquer ambiente natural. Da interação do homem com a natureza por meio da fabricação, por seu turno, surgem objetos para serem usados e que, por conseguinte, portam uma durabilidade de que não desfrutam os produtos do trabalho, feitos para serem consumidos. A obra corresponde ao caráter não-natural da existência humana, cuja mortalidade é redimida não pelo sempre recorrente ciclo vital da espécie, mas pela produção de um mundo de coisas cuja duração tende sempre a ultrapassar o tempo da vida dos próprios fabricantes [...]. O que constitui o artifício humano e garante a durabilidade do mundo é a obra, a atividade do fabricante (*homo faber*) de “operar sobre” os materiais, em contraposição ao trabalho, a atividade do trabalhador (*animal laborans*), que se mistura com os materiais. (CORREIA, 2007, p. 42-43).

Todavia, Arendt, afirma que para haver uma continuidade de coisas produzidas é necessário que haja uma reificação, ou seja, os produtos da obra precisam estar em constante reprodução “para que permaneça de algum modo como parte do mundo humano” (ARENDR, 2020, p. 172). Arendt, ao falar sobre reificação, quer dizer que é um processo de fabricação, característica da obra do *homo faber*, que a todo momento encontra-se em contínua produção.

Contudo, diante do processo da reificação, danos são causados à natureza, pois o material para a fabricação não se encontra de tudo disponível, de forma natural sem que hajam danos ao processo vital. Para obter-se a madeira, é necessário a retirada da árvore de sua localização, da mesma forma aplica-se para outras fontes naturais como: o ferro, a pedra ou mármore. De todo modo, “esse elemento de violação e de violência está presente em toda fabricação, e o *homo faber*, criador do artifício humano, sempre foi um destruidor da natureza” (ARENDR, 2020, p. 173). Diante disso, é percebido a distinção entre as atividades do trabalho da obra, onde um produz o sustento da vida biológica sem necessariamente destruir a natureza e a outra utilizando-se dos recursos naturais para a fabricação dos artifícios humanos.

A atividade do *homo faber* é a produção de obras cuja característica fundamental é a permanência por um certo período entre os homens. A importância desta característica da obra provém do fato de que ela cria um meio-ambiente artificial, adequado ao *habitat* humano. A

“natureza-natural”, isto é, biológica, não se apresenta imediatamente de forma apropriada para o modo humano de existência. Os homens começam a escapar da necessidade quando fabricam, pois nessa atividade eles se separam dos objetos que lhes servem de matéria-prima (XARÃO, 2000, p. 119).

Por assim dizer, a fabricação só é possível com um modelo para a construção do objeto. Para Arendt, há dois tipos de modelo, “uma imagem vista pelos olhos da mente ou um esboço, no qual a imagem já passou por um ensaio de materialização por meio da obra” (ARENDR, 2020, p. 174). Nesse processo, a reificação não acontece se ao produzir não houver uma imagem pré-estabelecida, isto é, “ideia”,<sup>17</sup> como Arendt, apresenta. Essa ideia é a imagem ou modelo usada como molde para a fabricação dos objetos, sendo utilizada diversas vezes sem que no primeiro processo da construção do produto venha a desaparecer. Por essa perspectiva, temos a ideia de escala de produção que é uma característica do *homo faber*, aquele que fabrica, remetendo o pensamento moderno da produtividade pelo marxismo.

Por essa via, mais uma vez é percebida a distinção entre trabalho, obra e ação; segundo Arendt (2020, p. 178) “a característica da fabricação é ter um começo definido e um fim definido e previsível, e essa característica é bastante para distingui-la de todas as outras atividades humanas”, distintamente o trabalho no processo do ciclo vital, assume a necessidade biológica para o sustento do corpo, não assumindo um modelo inicial nem um fim que o define; por outro lado, a obra possui essa necessidade e seu objetivo é a produção para o uso e não para o consumo, “o processo de fabricação, ao contrário da ação, não é irreversível” (ARENDR, 2020, p. 178), a ação contém um início definido, porém seu fim não é previsível.

Os bens de uso são o produto da atividade do *homo faber* e estabilizam o convívio humano através da produção de objetos duráveis que são, por esse processo, retirados do fluxo da natureza. Evidente que esses objetos duráveis não permanecem eternamente, uma vez que são desgastados pelo uso, mas, em geral, sobrevivem ao seu criador. Uma árvore, por exemplo, é transformada em madeira que, por sua vez, é transformada em uma mesa. Este produto final (a mesa) tem um tempo de permanência no mundo que permite que vários indivíduos, além de seu criador, dela façam uso (XARÃO, 2000, p. 119-120).

---

<sup>17</sup> O testemunho de Aristóteles de que foi Platão quem introduziu o termo *idea* na terminologia filosófica ocorre no primeiro livro de sua metafísica (987b8). Excelente relato do uso anterior da palavra e do ensinamento de Platão encontra-se em Gerard F. Else, “The terminology of ideas”, *Harvard studies in classical philology*, v. XLVII (1936) (ARENDR, 2020, p. 176).

Assim, para Arendt, o *homo faber* é o senhor da natureza, devido ser senhor de si mesmo e das suas ações, não aplicando ao *animal laborans*, por estarem sujeitos às necessidades da própria vida, bem como ao homem de ação, que precisa da ajuda de outros semelhantes. Assim dito, “a sós, com a sua imagem do futuro produto, o *homo faber* é livre para produzir, e também a sós, diante da obra de suas mãos, é livre para destruir” (ARENDR, 2020, p. 179). O que faz com que o *homo faber*, seja o senhor da natureza é a sua liberdade, tanto para criar, tanto quanto para destruir o que já é existente pela natureza.

Todavia, Arendt, ao falar sobre a instrumentalidade do *homo faber*, ela busca salientar que esses utensílios são primordiais para a fabricação dos produtos que provém da obra, com a finalidade de adequação e serventia. Um dos critérios utilizados pelo *homo faber*, é que no processo da fabricação o fim justifica os meios, em outras palavras, os danos causados à natureza é justificado mediante a necessidade que os humanos se deparam dos instrumentos. Dessa forma, a pessoa é condicionada a instrumentalidade pela condição humana da obra, que é a mundanidade. O *homo faber*, está ligado à obra, e esse se encontra numa posição em que o mundo é o seu habitat, e a partir dessa morada ele cria seu próprio mundo de coisas.

Os utensílios e ferramentas do *homo faber*, dos quais provém a experiência mais fundamental da instrumentalidade, determinam toda obra e toda fabricação [*work and fabrication/ Herstellen und Fabrizieren*]. Aqui é realmente verdade que o fim justifica os meios; mais que isso, o fim produz e organiza os meios. O fim justifica a violência cometida contra a natureza para que se obtenha o material, tal como a madeira justifica matar a árvore e a mesa justifica destruir a madeira. É em atenção ao produto final que as ferramentas são projetadas e os utensílios são inventados, e o mesmo produto final organiza o próprio processo da obra, decide sobre os especialistas necessários, a quantidade de cooperação, o número de auxiliares etc. Durante o processo da obra, tudo é julgado em termos de adequação e serventia [*usefulness*] em relação ao fim desejado, e a nada mais (ARENDR, 2020, p. 190).

Dessa forma, percebe-se que há um grande problema na forma de pensar e agir do *homo faber*, onde à busca pela interminável produção geram meios e fins que não se acabam. Sempre encontrando motivos para a continuação da fabricação, sem tomar devidas providências para a preservação do meio natural. Por essa perspectiva,



gerando outros graves problemas na vida da humanidade, o utilitarismo. Por assim dizer, Arendt, transmite que o “utilitarismo sistemático, que é por excelência a filosofia do *homo faber*, pode ser diagnosticada teoricamente como uma incapacidade inata de compreender a diferença entre utilidade e significância”<sup>18</sup> (ARENDR, 2020, p. 191). A utilidade para o *homo faber*, é justamente o “a fim de”<sup>19</sup>, isto é, o do uso constante.

Por conseguinte, Arendt, apresenta o assombro do utilitarismo sendo uma cadeia infundável de meios e fins sem a possibilidade de justificar a própria utilidade. Na perspectiva do *homo faber*, é preciso servir-se dos instrumentos para adquirir o uso de outra coisa, assim sendo, a fabricação de novos objetos e o uso destes é em vista das próprias necessidades geradas pela subjetividade de si mesmo. A compreensão dos significados de sua própria condição, o de fabricar, torna-se difícil mediante o seu pensamento não passar de meios e fins para fazer aparecer novas coisas.

O *homo faber*, na medida em que é apenas um fabricante de coisas e em que pensa somente em termos dos meios e fins que decorrem diretamente de sua atividade da obra, é tão incapaz de compreender o significado como o *animal laborans* é incapaz de compreender a instrumentalidade (ARENDR, 2020, p. 192).

Portanto, como bem nos assegura Arendt, uma coisa só é possível tornar-se um meio só a partir do momento quando os produtos da fabricação são objetos de uso. Neste contexto, fica claro que com o término do produto, esse mais uma vez passa ser um meio. O mais interessante, contudo, é o que constata que somente no percurso do processo vital em apoderar das coisas e na medida que as usam para seus fins “é que a instrumentalidade limitada e produtiva da fabricação se transforma na instrumentalidade ilimitada de tudo o que existe” (ARENDR, 2020, p. 195). Em todo esse processo, ocorreu que o *homo faber*, despertou certa desvalorização do mundo e da natureza.

É bastante óbvio que os gregos temiam essa desvalorização do mundo e da natureza, assim como seu inerente antropocentrismo - a

---

<sup>18</sup> “Expressamos linguisticamente ao distinguirmos entre ‘a fim de’ [*in order to*] e ‘em razão de’ [*for the sake of*]” (ARENDR, 2020, p. 191).

<sup>19</sup> “O ‘a fim de’ torna-se o conteúdo do “em razão de”; em outras palavras, a utilidade instituída como significado gera a ausência de significado” (ARENDR, 2020, p. 192).

opinião 'absurda' de que o homem é o ente mais elevado e de que tudo o mais está sujeito às exigências da vida humana (Aristóteles) -, da mesma forma como viam com desprezo a pura vulgaridade de todo utilitarismo consistente (ARENDR, 2020, p. 195).

Logo, o *homo faber*, foi posto numa posição em que possuía a maior das possibilidades humanas, a qual Platão argumenta que “o homem é a medida de todas as coisas”. Para Arendt, o que é relevante nessa história é que o filósofo Platão, entendeu que, “quando se faz do homem a medida de todas as coisas de uso” (ARENDR, 2020, p. 196), o indivíduo encontra-se numa posição de usuário e instrumentalizador de coisas para relacionar-se com o mundo e não como ao homem que pratica o exercício do orador, bem como, o comportamento de um homem de ação ou ainda um indivíduo que exercita a atitude do pensador.

### 2.3 AÇÃO

A atividade da ação cuja condição humana no pensamento de Hannah Arendt, suscita através do discurso e da ação política a busca pela resposta sobre a razão de que o homem sendo aquele que vive na contínua construção do mundo com suas atitudes. As atividades da *vita activa*, é a mantenedora dessa construção. Por seguinte, será abordado alguns traços da ação, em vista do percurso do homem nessa jornada. Para início de conversa, Arendt revela o papel do agente no discurso e na ação.

Distintamente das demais atividades, a condição humana da ação é a pluralidade, onde vários homens e não o homem são responsáveis pela ação política. O discurso é a arte do homem de ação participativa da pluralidade humana. Arendt (2020, p. 217), afirma que “a pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto da igualdade e da distinção”. Desta forma, é visto que a autora, apresenta a condição humana da ação tendo dois sentidos, o da igualdade e da distinção, cada uma executando o que é próprio do ser humano. Dessa maneira enquanto a igualdade entre si faz com que haja a compreensão de uns aos outros, a distinção tem por função o uso da ação e do discurso para suscitar a compreensão que a igualdade apresenta. Por essa via Arendt, afirma que:

se não fossem iguais, os homens não poderiam compreender uns aos outros e os que vieram antes deles, nem fazer planos para o futuro, nem prever as necessidades daqueles que virão depois deles. Se não fossem distintos, sendo cada ser humano distinto de qualquer outro que é, foi ou será, não precisariam do discurso nem da ação para se fazerem compreender (ARENDR, 2020, p. 217).

Assim dito, Arendt deixa claro que “a distinção humana não é idêntica à alteridade” (ARENDR, 2020, p. 218). Para ela a alteridade tem uma participação importante na vida humana, pois é um aspecto da pluralidade que não pode ser excluída, pelo motivo das nossas definições serem distinções, isso porque não é possível conceber uma coisa sem antes fazer a distinção de outra. De forma sucinta, ela explica que “a alteridade está presente somente na mera multiplicação de objetos inorgânicos, ao passo que toda vida orgânica já exhibe variações e distinções, inclusive entre indivíduos da mesma espécie” (ARENDR, 2020, p. 218). Nessa perspectiva, a alteridade que é compartilhada no homem, por todas as coisas existentes, bem como a distinção compartilhada com todos os seres vivos, diz Arendt, que formam-se “unicidade”, e o aspecto plural humana nada mais é do que o paradoxo de pluralidade que cada ser vivo é em sua essência como seres vivos únicos.

Dessa maneira, percebe-se o quanto Arendt coloca o discurso e a ação como mediadora de distinção, que se utilizada, os homens possuem a possibilidade de distinguir entre si mesmos. Bem como, é através do discurso e da ação que os homens entram em um consenso de pensamentos, assim havendo união entre si, por essa via Arendt, afirma, “a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos aparecem uns para os outros, certamente não como objetos físicos, mas *qua* homens” (ARENDR, 2020, p. 218). Essa capacidade de encontro entre si torna-se ponto inicial para um novo começo, devido haver a participação do outro e não de si só, “o que os homens podem partilhar e que possibilita a comunicação é o que Arendt chama de senso comum” (XARÃO, 2000, p. 133). Sem o senso comum na modernidade do mundo, depara-se como causa da incompreensão de acontecimentos o surgimento de regimes como o totalitarismo.

Todavia, o discurso e a ação são fatores imprescindíveis na vida do homem, “a ação diz respeito à política e compromete os seres humanos em sua capacidade mais livre” (FRY, 2010, 69). É através do diálogo que há um senso comum esclarecedor nas idealizações projetadas para o mundo, sendo seres deste mundo a

todo momento como já apresentado surgem ideologias como o totalitarismo, que como essa pensada na sua finitude com atos da não liberdade do homem. Por isso a importância do pensar para o surgimento de ações políticas onde o diálogo tem espaço e o direito humano seja respeitado.

Diante disso, só se é possível devido “o próprio senso comum, contudo, só é possível porque os homens são criaturas dotadas de sentidos naturais que os capacitam para o aparecimento no mundo, no qual chegam como estrangeiros equipados para dele se apropriar” (XARÃO, 2000, p. 134). Arendt esclarece que são por meio das palavras e atos que acontece a relação do homem com o mundo humano, ela compara essa inserção como “um segundo nascimento” (ARENDT, 2020, p. 219), assumindo o oposto físico. Todavia, ao falar da ação a natalidade<sup>20</sup> se faz presente, pois “é um conceito que está ligado ao milagre do nascimento e de novos começos” (FRY, 2010, p. 69). O homem sendo capaz de iniciar algo novo, de ser protagonista de suas ações, faz dele um ser único.

Assim dito, para Arendt a capacidade de agir do homem torna-se um ser inesperado e suas atitudes são inesperadas. Ao falar da pessoa humana, Arendt transmite as possibilidades humanas, onde suas capacidades são infinitas, as quais sendo possível realizar o improvável. Mas, tudo isso só é possível acontecer por meio da natalidade, onde a ação encontra-se ancorada. “O começo é sempre um evento primordial. É nesse sentido que a autora entende a natalidade” (XARÃO, 2000, p. 144). Assim sendo, o nascimento é uma nova vida que surge, possibilitando novas ações e novos começos; “a cada nascimento, um novo começo surge para o mundo, um novo mundo em potencial passa a existir” (ARENDT, 2012, p. 619). A ação estando ligada à natalidade, encontra-se numa posição que dá início ao novo, isso só acontece devido aos homens, na condição de seres humanos, serem por si mesmos um novo começo.

Ao agir e ao falar, os homens mostram que são, revelam ativamente suas identidades pessoais únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo humano, enquanto suas identidades físicas aparecem, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz (ARENDT, 2020, p. 222).

---

<sup>20</sup> “Arendt extrai o conceito de natalidade de Santo Agostinho, segundo o qual cada pessoa, ‘sendo criada no singular, é um novo começo em virtude de seu nascimento’ (FRY, 2010, p. 69).

Assim, o agente, indivíduo político, revela-se e conhece a si mesmo por meio da sua conduta, ou seja, ao agir e ao falar. Dessa forma, permitindo-se ser conhecido, passando a ser visível no mundo. Todavia, para Arendt, “sem o desvelamento do agente no ato, a ação perde seu caráter específico e torna-se um feito como outro qualquer” (ARENDR, 2020, p. 223). Dessa maneira, Arendt, menciona que o homem precisa ter atitudes políticas ao ponto de desvelar-se e correr o risco de demonstrar quem é; não podendo manter-se no anonimato, essa seria uma atitude que faz a ação perder seu sentido. Por isso, ir ao encontro do outro é a essência da ação, visando atitudes plurais e mantendo viva a condição humana dessa atividade que é a pluralidade.

Em termos da fragilidade dos assuntos humanos, Arendt, sustenta que não é possível a ação no isolamento. O que ela pretende dizer com isso é que no isolamento o homem é incapacitado de agir e isso fere o princípio da ação; pretendido ser o iniciador de um novo começo, estando fortemente ligada a natalidade. Em *As origens do totalitarismo*, encontra-se escrito: “o começo, antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem” (ARENDR, 2012, p. 639). Quando Arendt, difere a fabricação da ação, pretende-se esclarecer essa questão, por isso ela diz:

Ao contrário da fabricação, a ação jamais é possível no isolamento. estar isolado é estar privado da capacidade de agir. A ação e o discurso necessitam tanto da presença circunvizinha de outros quanto a fabricação necessita da presença circunvizinha da natureza, da qual obtém seu material, e de um mundo onde coloca o produto acabado. A fabricação é circundada pelo mundo e está em permanente contato com ele; a ação e o discurso são circundados pela teia de atos e palavras de outros homens, e estão em permanente contato com ela (ARENDR, 2020, p. 233).

A crítica de Arendt à sociedade moderna advém no foco de uma sociedade do trabalho, onde o seu tempo está voltado para a produtividade, também produzindo a incapacidade interpessoais de relações humanas. Através do pensamento de Arendt, o filósofo Byung-Chul Han, em sua obra *Sociedade do cansaço*, elabora o seguinte argumento:

segundo Arendt, a sociedade moderna, enquanto sociedade do trabalho, aniquila toda possibilidade de agir, degradando o homem a um *animal laborans* - um animal trabalhador. O agir ocasiona

ativamente novos processos. O homem moderno, ao contrário, estaria passivamente exposto ao processo anônimo da vida. Também o pensamento degeneraria em cálculo como função cerebral. Todas as formas de *vita activa*, tanto o produzir quanto o agir, decaem ao patamar do trabalho. Assim, Arendt vê a Modernidade, que começou inicialmente com uma ativação heroica inaudita de todas as capacidades humanas, findar numa passividade mortal (HAN, 2017, p. 41).

Para Hannah Arendt, não é possível ter a certeza do fim de uma ação tomada, isso acontece porque a ação não possui um fim. Para ela, enquanto a humanidade respira, o fim último de qualquer ato não é evidente, somente podendo chegar a um fim com a inexistência da raça humana. Por assim dizer, segundo Arendt, “os homens sempre souberam que aquele que age nunca sabe completamente o que está fazendo” (ARENDR, 2020, p. 289). Por isso, o homem não tem controle total do que pode acontecer por meio de suas ações, nem mesmo saber qual será os rumos que possa se dá; feitos totalmente positivos ou negativos, estando impossibilitado de prever de qual será o fim.

Diante da impossibilidade do rumo em que se possa obter o agente da ação, Arendt salienta: “seu verdadeiro significado jamais se desvela para o autor, mas somente à maneira retrospectiva do historiador, que não age” (ARENDR, 2020, p. 289). Na visão de Arendt, a conduta da liberdade humana deve ser colocada em julgamento, pois cada vez mais os homens parecem serem menos livres em vista da essência de liberdade a qual foi dada pelo seu criador.

Se olharmos a liberdade com os olhos da tradição, identificando liberdade com soberania, a ocorrência simultânea da liberdade com não soberania - o fato de ser capaz de iniciar algo novo, mas incapaz de controlar ou prever suas consequências - parece quase forçar-nos à conclusão de que a existência humana é absurda (ARENDR, 2020, p. 291).<sup>21</sup>

Portanto, diante da afirmação da realidade humana que Arendt apresenta e das evidências fenomênicas presentes; negar a liberdade humana de agir seria para

---

<sup>21</sup> Essa conclusão “existencialista” se deve muito menos do que parece a uma autêntica revisão de conceitos e padrões tradicionais; na verdade, ela ainda opera no âmbito da tradição e com conceitos tradicionais, embora com certo espírito de rebeldia. O resultado mais consistente dessa rebeldia é, portanto, um retorno aos “valores religiosos”, que, porém, já não têm raízes na fé ou em experiências religiosas autênticas, mas são como todos os “valores” espirituais modernos, são valores de troca, obtidos, no caso, para descartar os “valores” do desespero (ARENDR, 2020, p. 291).

ela dizer que o ser humano não é livre para tomar decisões. Contudo, a autora afirma que pelo fato daquele que realiza uma ação, não dá a ele permanecer senhor do rumo em que essa atitude possa engendrar. Entretanto, Arendt defende que é possível afirmar a soberania humana, porque é inegável o fato da liberdade humana.<sup>22</sup>

Hannah Arendt, ao tratar sobre a ação, atividade da condição humana que forma a tríade da *vita activa*, ela busca esclarecer através do seu pensamento o que é a política e qual é o sentido da mesma. Para Arendt, “o significado da política é a liberdade’, e esta liberdade está intrínseca à capacidade humana de começar coisas novas, através da ação espontânea” (SANTOS, 2017, p. 142). Para melhor entendimento do sentido da ação política que Arendt, propõe, é citado abaixo o argumento:

Arendt não considera a política como uma forma para manutenção dos recursos da vida social e da possibilidade de ampliação de seu desenvolvimento livre e aberto, ou como meio para libertação dos homens no que se refere aos impedimentos para o seu crescimento e aperfeiçoamento em uma direção determinada, ou, ainda, dissociada da liberdade. A ação precisa estar livre de necessidades, determinações e efeitos previsíveis para se configurar como política, pois, caso contrário, perde-se a dimensão de espontaneidade. Tornando-se apenas “um meio para”, a política tem sua esfera de atividade — a ação — confundida com a esfera de atividades da fabricação (SANTOS, 2017, p. 143).

Todavia, no processo de esclarecimento sobre o pensamento político de Arendt, é interessante notar que sua atitude como filósofa e pensadora política, ela busca também refletir o *amor mundi*. A capacidade de amor ao mundo; é isso que através da política, ela pretende provocar nos corações dos seus leitores ser o agente que pensa, tomam atitudes em busca de um mundo melhor. A atividade da ação é a condição do homem que possibilita engendrar tais atitudes. Em sua obra *Homens em tempos sombrios*, por meio do pensamento de Hermann Broch, “o pensar não tem um objetivo real e, a menos que encontre seu sentido em si mesmo, não tem

---

<sup>22</sup> Onde o orgulho humano ainda está intacto, é a tragédia, mais que o absurdo, que é vista como marca característica da existência humana. O maior expoente dessa opinião é Kant, para quem a espontaneidade da ação e as concomitantes faculdades da razão prática, inclusive a força do juízo, são ainda as principais qualidades do homem, muito embora sua ação recaia no determinismo das leis naturais e seu juízo não consiga penetrar o segredo da realidade absoluta (a *Ding an sich*). Kant teve a coragem de absolver o homem das consequências dos seus atos, insistindo unicamente na pureza dos motivos, o que o impediu de perder a fé no homem e em sua grandeza potencial (ARENDR, 2020, p. 191-192).

absolutamente nenhum sentido [...]. Pensar não tem começo nem fim; pensamos enquanto vivemos, pois não podemos fazer de outra forma” (ARENDDT, 2008, p. 140-141). Enquanto há vida é possível o pensar e no sentido da natalidade de começarem algo novo.

Hannah Arendt pensava que os homens são capazes de se reconciliar com o mundo na medida em que acreditam que este pode se renovar e se tornar um lugar mais justo. Assim, a capacidade de agir confere à política a marca da esperança sintetizada no conhecido adágio de Arendt (2007, p. 258): "Embora devam morrer, os homens não nasceram para morrer, mas para recomeçar. Estão na base desta natalidade arendtiana princípios constitutivos da Política, tais como a Coragem, a Promessa e o Perdão. Coragem para deixar o espaço privado e adentrar a luminosidade da esfera pública, recuperando a confiança nos Outros a partir de valores como a dignidade humana, a solidariedade e a amizade; A Promessa capaz de garantir, através de acordos mútuos representados sob a forma de leis e instituições, a durabilidade do espaço entre os-homens, prevenindo-o da imprevisibilidade da ação. E o Perdão, único modo de "se desfazer o que se fez", ou seja, desfazer os atos do passado, dando aos homens a possibilidade de se reconciliarem com o mundo, ampliando, assim, a possibilidade de novos inícios. São essas, da perspectiva arendtiana, as experiências da condição humana capazes de renovar o mundo, imprimindo à experiência política um caráter criativo, inaugural e, portanto, esperançoso (FREITAS, 2012, p. 61).

Portanto, o ser humano por meio da natalidade encontra-se diretamente ligado com a condição humana da ação, considerada por Arendt a atividade mais importante do ser humano, pois é através da ação política que o sonho por um mundo melhor pode ser conquistado; com atitudes boas às quais a liberdade se faz presente. Pois é através da liberdade política que cada um poderá viver a esperança de um mundo melhor, com possibilidade de um novo começo.

O capítulo seguinte pretende abordar sobre a *vita activa* nas esferas pública e privada no linear da era moderna. Assim, buscando entender melhor o pensamento de Hannah Arendt e o percurso em que o homem na sua condição humana através da *vita activa* percorrerá para chegar-se à vitória do *animal laborans*, segundo o pensamento de Hannah Arendt, o qual é apresentado por ela no VI capítulo em *A condição humana*.



### CAPÍTULO III A *VITA ACTIVA* NO LINEAR DA ERA MODERNA

Recapitulando, no primeiro capítulo foi apresentado uma sucinta biografia da vida de Hannah Arendt, bem como, sobre sua obra *A condição humana* e concluindo com a apresentação da condição humana no pensamento da autora. No segundo capítulo, tratou-se da análise das três atividades da *vita activa*, apresentado por ela como as mais importantes da condição humana. Neste capítulo, pretende-se fazer uma abordagem de apenas quatro tópicos de onze, do capítulo VI da obra *A condição humana* intitulado: a *vita activa* e a era moderna. Neste presente trabalho representado como: a *vita activa* no linear da era moderna; localizado no terceiro capítulo do mesmo sendo mais exato. Assim, buscando fazer uma investigação interpretativa do pensamento da autora. Portanto, em ordem lógica, como apresentado pela autora, os tópicos a serem investigados são:

A inversão entre contemplação e ação: será apresentado como se deu a inversão na era moderna e quais foram as principais influências desse acontecimento. Dessa maneira, ocorrendo uma inversão da atividade do pensar.

A inversão dentro da *vita activa* e a vitória do *homo faber*: nesse momento salienta-se com mais clareza a elevação da atividade da obra, exercida pelo *homo faber*, colocado numa posição mais digna da hierarquia; a influência da ciência, havendo o crescimento da técnica demandando novos instrumentos. Bem como, a introdução do conceito de processo na atividade da produção.

A derrota do *homo faber* e o princípio de felicidade: neste tópico pretende-se deixar explícito o que é e como iniciou-se a derrota do *homo faber* e o princípio de felicidade. Todavia, tal derrota foi influenciada pela transformação da física em astrofísica e das ciências naturais em 'universal'. O princípio de felicidade advém do alívio da dor e o prazer experimentado no processo da produção.

A vitória do *animal laborans*: aqui pretende-se deixar em evidência como ocorreu o triunfo do *animal laborans*; e a importância da dúvida cartesiana no processo da secularização como marco da conquista da mais alta posição da hierarquia das atividades da condição humana. Bem como, será apresentada a atividade do pensar como possibilidade de ser a mais ativa da *vita activa* e traços da sua importância para a vida do homem.

### 3.1 A INVERSÃO ENTRE CONTEMPLAÇÃO E AÇÃO

No linear da era moderna Hannah Arendt, descreve que houve a inversão hierárquica entre contemplação e ação. A contemplação na antiguidade era tida como principal método para chegar-se ao conhecimento; a natureza era vista como principal fonte do saber. Na modernidade, foi o período da história em que ocorreu a inversão; onde a ação assumiu o lugar da contemplação.<sup>23</sup>

Todavia, na modernidade foi descoberto o ponto arquimediano e a partir desse evento, bem como a dúvida cartesiana, para Arendt, não teria como não acontecer mudanças na forma de pensar sobre o mundo. Pois, a partir desses eventos suscitaram a dúvida da fé, ou seja, colocaram em dúvida a crença no que era tido como verdade. A ação do *homo faber*, por meio do ocorrido foi elevada como fonte primeira de novas descobertas, fundamentadas na ciência. Nesse contexto diz a autora com suas palavras:

Talvez a mais grave consequência espiritual das descobertas da era moderna e, ao mesmo tempo, a única que não podia ser evitada, uma vez que seguiu de perto a descoberta do ponto arquimediano e o resultante advento da dúvida cartesiana, tenha sido a inversão [*reversa*] da ordem hierárquica entre a *vita contemplativa* e a *vita activa* (ARENDR, 2020, p. 358-359).

Assim, o propósito da ciência moderna era desvelar a natureza em busca de conhecimentos relevantes. A invenção do relógio diz Arendt, que foi “um dos primeiros instrumentos modernos, não foi inventado para os propósitos da vida prática, mas exclusivamente para o propósito altamente ‘teórico’ de realizar certos experimentos com a natureza” (ARENDR, 2020, p. 359). É interessante notar que as invenções técnicas usadas nos tempos de hoje só foram possíveis do impulso que a humanidade obteve nas invenções tecnológicas para ter em evidência a ciência do funcionamento do mundo e não meramente permanecer no conhecimento prático obtido até então.

---

<sup>23</sup> A contemplação até a Modernidade era de suma importância na história do pensamento político Ocidental, sendo superior à vida ativa. Para ela, a *vita contemplativa* não permite ao homem a possibilidade de fazer política, justamente porque todas as atividades deste tipo de vida visam à contemplação, e, para isso, renunciam o espaço público (LUZ, 2018, p. 58-59).

Se tivéssemos de confiar somente nos chamados instintos práticos dos homens, jamais teria havido qualquer tecnologia digna de nota; e, embora as invenções técnicas hoje existentes tragam em si certo ímpeto que, provavelmente, gerará melhorias até certo ponto, é pouco provável que o nosso mundo condicionado à técnica pudesse sobreviver, e muito menos continuar a desenvolver-se, se conseguíssemos nos convencer de que o homem é, antes de tudo, um ser prático (ARENDDT, 2020, p. 359).

Diante do processo da inversão entre contemplação e ação que os modernos passaram, inquietos por conhecimento, todavia, tais inquietudes “só pôde ser mitigada depois que o homem depositou sua confiança no engenho das próprias mãos” (ARENDDT, 2020, p. 359); ou seja, o *homo faber*, passava a dominar o mundo com a instrumentalidade. Assim, a contemplação havia perdido sua posição em obter ciências das coisas e a “ação”, passava a ocupar seu lugar. Dessa maneira, “foi um instrumento, o telescópio, uma obra das mãos do homem, que finalmente forçou a natureza, ou melhor, o universo a revelar seus segredos (ARENDDT, 2020, p. 359-360). Mediante a esse objeto, cita Arendt, em sua obra *A condição humana*, capítulo VI, no tópico onde ela fala sobre a descoberta do ponto arquimediano: “desde o dia em que um bebê nasceu em uma manjedoura, pode-se duvidar que tenha ocorrido uma coisa tão grande com tão pouco alarde.” (WHITEHEAD, 1926, p.12 *apud* ARENDDT, 2020, p. 319)<sup>24</sup>. Logo, ela esclarece, “com essas palavras, Whitehead apresenta Galileu e a descoberta do telescópio no palco do ‘mundo moderno’” (ARENDDT, 2020, p. 319). Portanto, foram as descobertas por meio da instrumentalidade, antes de tudo a atitude de agir invés de continuar na contemplação, que o homem moderno passava a desacreditar da *vita contemplativa* e passa a confiar na *vita activa*.

A *vita contemplativa* foi abolida e esse foi o motivo pelo qual a inversão entre pensar e fazer, ocorrida na própria realidade, já não pôde mais corresponder à inversão entre *vita activa* e *vita contemplativa*. A atividade do pensar passou a ser a serva da ação – da ação entendida como o agir do *homo faber*: o fazer. (WAGNER, 2002, p. 80).

Por assim dizer, no século XVII quando ocorreram tais mudanças, para Arendt, não aconteceu uma simples inversão entre contemplação e ação, foi mais “radical”, era um novo começo “ao passo que a contemplação, no sentido original de visão da verdade, foi inteiramente abolida”, mas sim, para ela, a inversão se tratava

---

<sup>24</sup> A. N. Whitehead, *Science and the modern world*, Ed. Pelican, 1926, p. 12.

apenas da “relação entre pensar e agir” (ARENDR, 2020, p. 361). A inversão não tinha o objetivo de elevar o agir ao trono da contemplação, a real verdade desse acontecimento tratava-se da forma que o pensar era posicionado; “pois pensamento e contemplação não são a mesma coisa”<sup>25</sup> (ARENDR, 2020, p. 361). Desta maneira, ao tratar da inversão no linear da era moderna, a filósofa pretendia dizer que:

A inversão que ocorreu na era moderna não consistiu o agir [*doing*] ao nível outrora ocupado pelo contemplar como o mais alto estado de que os seres humanos são capazes - como se, daí por diante, o agir fosse a significação última em nome da qual tinha de ser realizada a contemplação, tal como, até então, todas as atividades da *vita activa* tinham sido julgadas e justificadas na medida em que tornavam possível a *vita contemplativa*. A inversão tinha a ver somente com a atividade de pensar, que, daí por diante, passou a ser a serva do agir, como havia sido a *ancilla theologiae* a serva da contemplação da verdade divina na filosofia medieval e a serva da contemplação da verdade do Ser na filosofia antiga. A contemplação mesma tornou-se completamente sem sentido (ARENDR, 2020, p. 362).

Assim dito, diante da radicalidade da inversão da forma do pensar, passando a ter nova maneira de agir, realidade essa acompanhada na era moderna com invenções de instrumentos para se alcançar novos conhecimentos se fazem presentes até os tempos atuais. A inversão ocorrida, saindo da realidade contemplativa vivenciando o ato de colocar em prática o agir, até então o *homo faber* tornara-se vitorioso, pois a instrumentalidade havia mudado o conceito de descoberta do novo.

Todavia, no capítulo I de *A condição humana*, Hannah Arendt, pronuncia que “a mudança mais radical da condição humana que podemos imaginar seria uma imigração dos homens da terra para algum outro planeta” (ARENDR, 2020, p. 12), diante disso, só é possível devido às invenções ocorridas na história da humanidade através da ciência, onde o *homo faber* se fez presente com a instrumentalidade. Dessa forma, Arendt, dá continuidade dizendo que essa mudança para um outro planeta, “tal evento, já não inteiramente impossível” (ARENDR, 2020, p. 12).

---

<sup>25</sup> Tradicionalmente, concebia-se o pensamento como a maneira mais direta e importante de chegar à contemplação da verdade. Desde Platão, e provavelmente desde Sócrates, compreendia-se o pensamento como diálogo interior no qual alguém fala consigo mesmo (*eme emautō*, para recordar a expressão corrente nos diálogos de Platão); e, embora esse diálogo não tenha qualquer manifestação externa e chegue a exigir a cessação mais ou menos completa de todas as outras atividades, constitui por si um estado eminentemente ativo (ARENDR, 2020, p. 361).

Consequentemente, como é de conhecimento de muitos, que tal evento fora da órbita da terra já ocorreram alguns passos no sentido de exploração em busca de novos saberes, onde a Nasa, por meio da Apollo 11, realiza uma conquista, segundo o G1<sup>26</sup>, o astronauta Neil Armstrong, “em 20 de julho de 1969, ele se tornou o primeiro homem a pisar na Lua, seguido por Edwin Aldrin”. Em o Apollo 12, segundo o site Mundo Educação, “pessoas foram levadas à superfície da Lua”. Dessa maneira, é visto o quanto a radicalidade da forma de ver o mundo entre a antiguidade e a modernidade dando continuidade até os tempos atuais.

Assim, com a ocorrência da inversão entre contemplação e ação, Arendt, coloca em pauta o quanto foi radical a mudança da forma do pensar, onde o agir do filósofo, exercício do pensamento, através da contemplação, até então conhecida e posta em prática sofreu uma queda hierárquica, sendo tida não mais como a excelência do conhecimento, “cedendo seu lugar” a ciência. “Obviamente, a filosofia sofreu mais com a modernidade que qualquer outro campo do esforço humano” (ARENDR, 2020, p. 365), dessa maneira, os feitos da era moderna construindo sua história. Portanto, para melhor entendimento cito abaixo a visão da autora sobre a influência da filosofia e da ciência.

Por mais que possamos admitir a coragem e respeitar a extraordinária engenhosidade dos filósofos no decorrer de toda a era moderna, não se pode negar que a sua influência e a sua importância diminuíram como nunca antes. Não foi no pensamento da Idade Média, mas no da era moderna, que a filosofia passou a segundo ou mesmo a terceiro plano. Depois que Descartes baseou sua filosofia nas descobertas de Galileu, a filosofia parece condenada a seguir sempre um passo atrás dos cientistas e de suas descobertas, ainda mais espantosas que a de Galileu, cujos princípios se empenha arduamente para descobrir *ex post facto* e para ajustar a alguma interpretação global da natureza do conhecimento humano (ARENDR, 2020, p. 364-365).

Diante da modernidade é visto que a atividade da ação, a que elege a prática política, ficava-se as estreitas a qual a instrumentalidade do *homo faber* vivia o tempo de elevação e centralidade por meio da ciência. Consequentemente, com a inversão, o *homo faber* tornou-se o centro na era moderna. E a atividade do exercício do pensamento ficou desvalorizado mediante as ocupações que o homem moderno

---

<sup>26</sup> Portal de notícias do jornal da Globo.

erigia para sua vida, assim, formando-se uma sociedade de trabalhadores voltadas em função dos feitos científicos.

### 3.2 A INVERSÃO DENTRO DA *VITA ACTIVA* E A VITÓRIA DO *HOMO FABER*

Neste tópico cabe salientar o que já havia citado anteriormente, sobre a vitória do *homo faber*. Com a inversão dentro da *vita activa*, a atividade da ação<sup>27</sup> perdeu seu lugar de honra e, a atividade da obra exercida pelo *homo faber*, o fabricante de coisas, assumiu um patamar não conquistado até então. Tudo isso só foi possível devido às mudanças ocorridas na era moderna; a descoberta do ponto arquimediano e a dúvida cartesiana, assim surgindo a inversão entre contemplação e ação; discutido no tópico anterior. A partir de então é cabível apresentar a inversão dentro da *vita activa* e a vitória do *homo faber*, segundo o pensamento de Hannah Arendt.

Para Arendt, com a extinção da *vita contemplativa*, o que assumiu com vitalidade sua nova posição “foram as atividades de fazer e fabricar [*making and fabricating*] - prerrogativas do *homo faber*” (ARENDR, 2020, p. 365), e não as atividades políticas, ação e discurso. Isso porque nessa época os feitos científicos passavam por uma transformação, onde Galileu Galilei, um dos primeiros cientistas a causar mudanças nas invenções de instrumentos para os estudos em prol da ciência, citando aqui por exemplo o telescópio. Todavia, nessa fase da modernidade surgia a progressividade científica. “Daí em diante, todo progresso científico tem estado mais intimamente ligado ao desenvolvimento cada vez mais sofisticado da manufatura de novas ferramentas e instrumentos” (ARENDR, 2020, p. 365-366). Dessa maneira, esse período da era moderna ficou conhecida como revolução científica do século XVII.

Não foi somente a parafernália de instrumentos e, portanto, o auxílio que o homem teve de angariar do *homo faber* para adquirir o conhecimento que fez com que essas atividades acendessem de sua antiga posição humilde na hierarquia das capacidades humanas. Mais decisivo que isso foi o elemento de produção e de fabricação presente

---

<sup>27</sup> Ação, aqui refere-se à atividade da condição humana mais importante para Hannah Arendt, que é a manifestação política. Distinto da ação citada no tópico anterior; A inversão entre contemplação e ação, que denota a ideia do agir do *homo faber*, o fazer (fabricação de coisas).

no próprio experimento, que engendra os seus próprios fenômenos de observação e, portanto, depende desde o início das capacidades produtivas do homem (ARENDR, 2020, p. 366).

Assim, o mundo moderno estava passando por uma fase em que os feitos científicos passaram a determinar a produção de instrumentos. Determinando sua importância por meio da utilidade através dos experimentos da natureza; “o emprego da experimentação para fins de conhecimento já era consequência da convicção de que o homem só pode conhecer aquilo que ele mesmo produz” (ARENDR, 2020, p. 366)<sup>28</sup>. Assim, visando o experimento como método confiável para chegar-se ao verdadeiro conhecimento.

Desta maneira, se o homem só poderia conhecer aquilo que ele mesmo produz, através do experimento, surgiu a questão em que o homem já “estivesse a ponto de produzir os objetos da natureza” (ARENDR, 2020, p. 366). Contudo, para os cientistas a natureza só podia ser conhecida por meio do experimento, passando pela engenhosidade do *homo faber*. Dessa forma, tornando comum, tal ação transformou a habilidade do *homo faber* em um processo. Logo, a engenhosidade do *homo faber*, tornou-se crucial para o desvelamento da natureza.

Diante da atividade do *homo faber* que é a obra, a era moderna passou por estágios de mudanças onde a produtividade e a criatividade, faziam-se presentes; acerca disso Arendt (2020, p. 367) fala com clareza: “a produtividade e a criatividade, que iriam torna-se os mais altos ideais e inclusive os ídolos da era moderna em seus estágios iniciais, são emblemas inerentes ao *homo faber*, ao homem como construtor e fabricante”. Além disso, a sociedade moderna passava por outro tipo de mudança a qual, deixava mais óbvio a influência do *homo faber* na maneira de pensar dessa época. Assim, a autora diz:

contudo, há outro notável elemento, talvez ainda mais significativo, na versão moderna dessas faculdades. A mudança do “por que” e do “o que” para o “como” implica que os verdadeiros objetos do conhecimento já não podem ser coisas ou movimentos eternos, mas processos, e que, portanto, o objeto da ciência já não é a natureza ou

---

<sup>28</sup> Pois essa convicção significava que ele poderia aprender algo acerca das coisas que não fez se representasse e imitasse os processos através dos quais essas coisas passaram a existir. A tão discutida mudança de ênfase na história da ciência, da velha questão sobre “o que” e “por que” algo é para a nova questão de “como” veio a existir, é decorrência direta dessa convicção, e a resposta só pode ser encontrada no experimento (ARENDR, 2020, p. 366).

o universo, mas a história - a estória<sup>29</sup> de como vieram a existir a natureza, a vida ou o universo (ARENDR, 2020, p. 367).

No entanto, as ações científicas vieram a descobrir que só era possível chegar ao conhecimento da natureza por meio de processos. Assim, Arendt (2020, p. 368), diz que “a natureza, pelo fato de só poder ser conhecida em processos que o engenho humano, a engenhosidade do *homo faber*, podia repetir e reproduzir no experimento, tornou-se um processo”. Para melhor entendimento, tal processo é originalizado das experiências do *homo faber*, cujo fenômeno é a fabricação; a partir do momento que a natureza começa a ser desvelada ela perde seu lugar do conceito de Ser e o processo assume o lugar. Todavia, “é da natureza do Ser aparecer e assim se desvelar, é da natureza do Processo permanecer invisível” (ARENDR, 2020, p. 368), isto é, o processo de fabricação “desaparece no produto”.

Dessa forma, quando dito: desaparece no produto - é pretendido dizer do resultado obtido no processo da produção, entretanto não quer dizer que o resultado é mais importante que o processo. Segundo Arendt, (2020, p. 368), “no caso, do ponto de vista do *homo faber*, era como se o meio, o processo de produção ou o desenvolvimento, fosse mais importante que o fim, o produto acabado”. Apesar disso, foi mencionado no capítulo anterior no tópico que fala sobre a atividade da obra, que o *homo faber* é o senhor da natureza, sendo sua destruição (natureza) justificada devido a necessidade dos humanos dos instrumentos, tendo como critério que o fim justifica os meios. Assim, sempre gerando motivos para a continuação do processo da fabricação.

Portanto, salienta-se que o mais importante para o *homo faber*, é o período do processo da fabricação do instrumento e não do produto acabado, pronto para ser usado. Por isso, Arendt menciona que o desenvolvimento era visto sendo mais importante. Pois, a ideologia da modernidade, iluminada pelo pensamento marxista é que a todo momento deve-se está em produção, o foco é a produtividade e não a utilidade do que foi produzido. Por isso, diante do proposto deste tópico, com o seu pensamento a autora explicita:

---

<sup>29</sup> Restauramos na revisão a distinção, fundamental a Arendt, entre *story* (estória) e *history* (história). A despeito de ser um tanto antiquado em português o uso do termo *estória* no sentido empregado no texto, julgamos que o próprio contexto no qual a autora emprega os termos lança luz sobre a especificidade do uso conceitual dessas palavras (ARENDR *versus* CORREIA, 2020, p. IX).



o fato de que a moderna alienação do mundo foi suficientemente radical para estender-se até a mais mundana das atividades humanas, a obra e a reificação, à produção de coisas e à construção do mundo distingue as atitudes e avaliações modernas ainda mais nitidamente daquelas da tradição do que indicaria uma mera inversão de posições entre a contemplação e a ação, entre a atividade de pensar e a atividade de agir. O rompimento com a contemplação foi consumado não com a promoção do homem fabricante à posição antes ocupada pelo homem contemplativo, mas com a introdução do conceito de processo na atividade da produção. Comparada a isso, a nova e surpreendente ordem hierárquica dentro da *vita activa*, na qual a fabricação passou a ocupar o lugar que antes cabia à ação política, é de somenos importância (ARENDDT, 2020, p. 373).<sup>30</sup>

Portanto, a inversão dentro da *vita activa* e a vitória do *homo faber*, deu-se com a mudança da vida contemplativa para a vida de ação do homem fabricante de coisas, em busca de alcançar a verdade. Influenciado pela ciência moderna e matematização da natureza, o processo de fabricação passou por uma mudança de compreensão da própria fabricação em direção ao “o que uma coisa é e que tipo de coisa deve ser produzida para a questão sobre como e mediante que meios e processos ela veio a existir e poderia ser reproduzida” (ARENDDT, 2020, p. 378). Assim, introduzindo o conceito de processo na atividade da produção. Logo, a perda de obtenção da verdade por meio da contemplação, levou a atividade do *homo faber*, a assumir a posição da *vita contemplativa*.

### 3.3 A DERROTA DO *HOMO FABER* E O PRINCÍPIO DE FELICIDADE

Quando se fala da derrota do *homo faber*, a ideia mais cabível é a perda da *vita contemplativa* que teve o homem fazedor de coisas, entre a sociedade antiga e o surgimento da era moderna, inferindo tudo na fabricação de instrumentos em vista do conhecimento evidente. O princípio da felicidade se dá com a instrumentalização

---

<sup>30</sup> A questão torna-se um tanto confusa, porque a filosofia dos gregos segue ainda a ordem estabelecida pela *pólis* mesmo quando se volta contra ela. Mas Platão e Aristóteles, em seus escritos filosóficos (aos quais, naturalmente, é preciso recorrer quando se deseja conhecer seus pensamentos mais recônditos), tendem a inverter a relação entre obra e ação a favor da obra. Assim, em sua *Metafísica*, Aristóteles coloca a *dianoia* e a *epistēmē praktikē*, a intuição prática e a ciência política, em último lugar na hierarquia, sobrepondo-lhes a ciência da fabricação, a *epistēmē poiētike*, que precede imediatamente e leva à *theōria*, ou a contemplação da verdade (ARENDDT, 2020, p. 374).

possuindo a característica de facilitar a vida do homem; quanto menos dor e mais prazer no processo da fabricação e o seu consumo, essa é a felicidade que o *homo faber* almeja.

Para Hannah Arendt, se olharmos os feitos da era moderna apenas considerando as descobertas de Galileu, a eliminação da contemplação como fonte principal do conhecimento não foi uma mudança extraordinária, mas algo que já seria preste a acontecer com a matematização da natureza. A inversão entre as atividades foram consequências da mutação do pensamento na modernidade. Assim, o *homo faber* conquistou uma posição mais elevada, ao invés do *animal laborans*. Pois o pensamento do século XVII estava voltada para a produtividade e a natureza vivenciando fortes danos da instrumentalização. Entanto, não divergente nos tempos atuais, na contemporaneidade a soberania do *homo faber* sobre a natureza permanece com rigor.

A atividade do *homo faber* desde o princípio até os tempos atuais permanece em ação, a atitude da fabricação tornou-se a era contemporânea fonte de industrialização em grande escala. Invenções e qualificações de instrumentos especializados ao aumento de lote de produção, aumentando em grande proporção o agir do *homo faber*, “produtor e fabricante” (ARENDR, 2020, p. 378). A respeito da cultura do *homo faber*, na continuação de suas típicas atitudes, Arendt faz as seguintes considerações:

entre as principais características da era moderna, desde o seu início até o nosso tempo, encontramos as atitudes típicas do *homo faber*: a instrumentalização do mundo, a confiança na onipotência da categoria meios-fim, a convicção de que qualquer assunto pode ser resolvido e qualquer motivação humana reduzida ao princípio da utilidade (ARENDR, 2020, p. 378-379).

Assim, a atitude do homem fabricante de coisas é agir em função da matéria para gerar mais produtos. O *homo faber* como soberano da natureza possui a responsabilidade da imposição sobre ela: o de zelar ou destruir. Como já é sabido, Arendt, apresenta o *homo faber*, o ator da obra e, a todo momento está obrando, assim sua finalidade é construir seu próprio mundo de coisas. É interessante perceber que desde o início, prolongando aos nossos dias, o homem põe-se à construção de algo, desde o teto para sua moradia à meros instrumentos em função de si mesmo. Cabe-

nos refletir que a pessoa, diante da condição humana que lhe é condicionada a viver, ela sempre está em processo de desenvolvimento.

Todavia, Arendt, ao apresentar a condição humana da obra, representado pelo *homo faber*, o fabricante de coisas, encontra-se sempre em função de si mesmo; ser produtor e fabricante é o que lhe define. Há um conjunto de repetições que elaboram o sentido da ação do *homo faber* e, na observação da história da humanidade, percebe-se que houve grandes progressos e inversões como por exemplo a inversão de pensamento na modernidade, descrito por Arendt e aqui refletido nos tópicos anteriores. Em relação a evolução da vida, cabe salientar que:

não há dúvida de que a vida, em seu conjunto, é uma evolução, isto é, uma incessante transformação. Mas a vida só pode progredir por intermédio dos vivos, que são seus depositários. É preciso que milhares e milhares deles, aproximadamente semelhantes, se repitam uns aos outros no espaço e no tempo para que cresça e madure a novidade que elaboram (BERGSON, 2005, p. 251).

Assim dito, cabe explanar com mais clareza a derrota do *homo faber* e o princípio da felicidade. O *homo faber*, na modernidade, foi elevado à mais digna posição das atividades humanas, “embora estivesse para adquirir uma engenhosidade jamais sonhada na invenção de instrumentos para medir o infinitamente grande e o infinitamente pequeno” (ARENDRT, 2020, p. 381), passou por restrições que afetava a autenticidade do seu agir que é a fabricação, isto é, tal processo passava por privações “que constituem um absoluto confiável e autêntico em relação à atividade da fabricação” (ARENDRT, 2020, p. 381). Diante desse acontecimento, abaixo são apresentadas duas longas citações sobre o pensamento de Arendt, que melhor explica a posição em que se encontra o *homo faber*. Dessa maneira, justificando a ocorrência da sua derrota.

O que mudou a mentalidade do *homo faber* foi a posição central do conceito de processo da modernidade. No que diz respeito ao *homo faber*, a moderna mudança de ênfase do “o que” para “o como”, da própria coisa para o processo de sua fabricação, não foi de modo algum pura bênção. Ela privou o homem como produtor e construtor daqueles padrões e medidas fixas e permanentes que, até a era moderna, sempre lhe haviam servido de guias em seu fazer e de critérios para seu julgamento. Não foi somente, e talvez nem mesmo basicamente, o desenvolvimento da sociedade comercial que, com a vitória triunfal do valor de troca sobre o valor de uso, introduziu em primeiro lugar o princípio da intercambialidade, depois a relativização

e, finalmente, a desvalorização de todos os valores (ARENDDT, 2020, p. 380-381).

Bem como, a não participação da contemplação no processo da fabricação, gerou consequências ao *homo faber*. Por certo, nenhuma outra atividade da condição humana seria tão afetada.

Certamente, nenhuma outra atividade da *vita activa* tinha tanto a perder com a eliminação da contemplação do âmbito das capacidades humanas significativas quanto a fabricação. Pois, ao contrário da ação, que consiste em parte no desencadeamento de processos, e ao contrário da atividade do trabalho, que segue bastante de perto os processos metabólicos da vida biológica, a fabricação experimenta os processos, caso chegue de algum modo a percebê-los, como simples meios para um fim, isto é, como algo secundário e derivado. Além disso, nenhuma outra capacidade tinha tanto a perder com a moderna alienação do mundo e a promoção da introspecção a um expediente onipotente para a conquista da natureza quanto aquelas faculdades voltadas basicamente para a construção de um mundo e a produção de coisas mundanas (ARENDDT, 2020, p. 381).

Portanto, é percebido a relação que esses dois argumentos possuem com o pensamento de Bergson (2005), anteriormente citado, que a vida é uma evolução, e sempre está em constante transformação. Assim, aplica-se transformação na vida do *homo faber*, visto desde o princípio até a contemporaneidade. Dito dessa maneira, o princípio da felicidade encontra-se com mais exatidão em nossos tempos, onde todo o processo de fabricação encontradas nas grandes indústrias são ajustadas para melhor conforto e prazer diante da fabricação.

Inclusive, instrumentos especializados são fabricados em prol da produtividade da fabricação, com um alto nível de conforto maior do que na era moderna, aliviando-se a dor e o esforço. Assim, indubitavelmente o *homo faber*, em conjunto de outros que pensam semelhante, encontra-se se superando diante da fabricação de instrumentos; aplicando-se os recursos tecnológicos para a evolução na construção de um mundo de idealizações que possam usufruir delas e se sentirem em “casa”, dentro do seu mundo de coisas confinado ao bem-estar e nisso sempre encontrando motivos para estarem em constante produção e fabricação. Para Arendt, o *homo faber* na modernidade, teve a perda de referência ao assumir como o fazedor de ferramentas em função de outras ferramentas.

Essa radical perda de valores dentro do limitado sistema de referência do *homo faber* ocorre quase automaticamente assim que ele se define não como o produtor de objetos e construtor do artifício humano que incidentalmente inventa ferramentas, mas se considera primordialmente como fazedor de ferramentas e ‘especialmente [um produtor] de ferramentas para fazer ferramentas’, que só incidentalmente também produz coisas. De qualquer modo, caso se aplique nesse contexto o princípio da utilidade, ele se refere basicamente não a objetos de uso, e não ao uso, mas ao processo de produção. Agora, tudo o que ajuda a estimular a produtividade e aliviar a dor e o esforço torna-se útil. Em outras palavras, o padrão último de medida não é de forma alguma a utilidade e o uso, mas a ‘felicidade’, isto é, a quantidade de dor e de prazer experimentada na produção ou no consumo das coisas (ARENDDT, 2020, p. 382-383).

Portanto, o *homo faber*, vivenciava no século XVII o conflito entre dois métodos: o do experimento e da produção de Galileu e o da introspecção<sup>31</sup>. Assim, “a derrota do *homo faber* pode ser explicável em termos da transformação inicial da física em astrofísica, das ciências naturais em uma ciência ‘universal’” (ARENDDT, 2020, p. 389).<sup>32</sup> O conceito de princípio de felicidade encontra-se justamente quando o *homo faber*, declara-se fazedor de instrumentos; esses instrumentos é em função da instrumentalização, aniquilando a dor e o esforço, projetando o aumento na produção.

Logo, com a derrota do *homo faber*, suscitou a vitória do *animal laborans*. Segundo Arendt, o *animal laborans*, não teria alcançado tal posição sem a participação do pensamento de Descartes. Assim, dando início a secularização, influenciando a sociedade moderna com a dúvida cartesiana, proporcionando a perda da fé. Enfim, esse assunto será tratado no próximo tópico sobre a vitória do *animal laborans*, elaborado com evidências por meio do pensamento da autora.

---

<sup>31</sup> O único objeto tangível produzido pela introspecção, se é que esta deve produzir algo mais que uma autoconsciência inteiramente vazia, é realmente o processo biológico. E como essa vida biológica, acessível na auto-observação, é ao mesmo tempo um processo metabólico entre o homem e a natureza, é como se a introspecção já não precisasse perder-se nos meandros de uma consciência sem realidade, uma vez que encontra dentro do homem - não em sua mente, mas em seus processos corporais - suficientemente matéria exterior para ligá-lo novamente a um mundo exterior (ARENDDT, 2020, p. 388).

<sup>32</sup> O que resta a explicar é por que essa derrota terminou com a vitória do *animal laborans*; por que, com a ascensão da *vita activa*, foi precisamente a atividade do trabalho que veio a ser promovida à mais alta posição entre as capacidades do homem; ou, em outras palavras, por que, na diversidade da condição humana, com suas várias capacidades humanas, foi precisamente a vida que predominou sobre todas as outras considerações (ARENDDT, 2020, p. 389).

### 3.4 A VITÓRIA DO *ANIMAL LABORANS*

Rememorando, a atividade que consiste ao *animal laborans* é a do trabalho; a que produz o alimento para o sustento da vida biológica. Anteriormente vimos que essa atividade é a base da hierarquia das três atividades humanas: trabalho, obra e ação. No decorrer da antiguidade para a era moderna houve inversões, neste presente trabalho já discutido, que alteraram as posições dessas atividades e agora veremos como a atividade do trabalho foi elevado ao topo da hierarquia e o seu proceder.

Hannah Arendt, ao pesquisar sobre as mudanças que estavam ocorrendo na era moderna, percebeu-se com a derrota do *homo faber* que o *animal laborans*, vivenciava uma nova posição de vida, elevado a mais alta dignidade da vida humana que podia ocorrer. Segundo a autora, isso só foi possível devido a secularização, através do pensamento cartesiano, gerando na modernidade dúvidas da fé. “A vitória do *animal laborans* jamais teria sido completa se o processo de secularização, a moderna perda da fé como decorrência inevitável da dúvida cartesiana, não houvesse despojado a vida individual de sua imortalidade” (ARENDR, 2020, p. 397). Assim, acarretando no homem moderno a incerteza do futuro.

Todavia, a secularização fez com que voltassem para si próprios, “para a garantia da própria vida, como a necessidade mais importante, em detrimento da vida pública, ou seja, da atividade da ação, e a supervalorização do trabalho<sup>33</sup>” (BRISKIEVICZ, 2020, p. 5), isto é, a atividade da obra. Por certo, Hannah Arendt vê a vitória do *animal laborans*, não positivamente, pois estava assumindo o lugar que cabia a atividade da ação; segundo ela a mais importante da condição humana, devido à ação política ser o caminho para a liberdade do homem.

Arendt insiste que a secularização é definitivamente um marco da vitória do animal laborans por conta da dúvida cartesiana, que despojou a vida dos cidadãos de seu ideal de imortalidade, ou pelo

---

<sup>33</sup> Trabalho aqui empregado pelo autor refere-se a atividade da obra. Pois ele usou a edição de 2005 do livro de *A condição humana*, que segue a seguinte ordem: labor, trabalho e ação. Na edição usada neste trabalho foi alterado os sentidos dos termos, em: nota à revisão técnica encontra-se descrito: “do ponto de vista conceitual, a principal intervenção consistiu na alteração da tradução dos termos *labor* e *work*, traduzidos anteriormente por *labor* e *trabalho* e vertidos na presente edição como *trabalho* e *obra* - consoante as traduções italiana (*lavoro, opera*) e francesa (*travail, oeuvre*) e distintamente da tradução espanhola” (*labor, trabajo*) (ARENDR *apud* CORREIA, 2020, p. V).

menos da sua certeza. Assim a vida espiritual, o cultivo da vida contemplativa coligada com a vida activa se perdeu com a secularização, voltando o homem à sua condição de simples mortal (BRISKIEVICZ, 2020, p. 5).

A partir do pensamento de Arendt, pode-se deixar em evidência que o homem moderno permaneceu voltado para si mesmo como o homem da alegoria da caverna de Platão, no sentido que na medida que o homem da caverna olhava para sua própria sombra o homem moderno ficou preso na introspecção,

qualquer que seja o sentido atribuído à palavra 'secular' no uso corrente, historicamente ele não pode ser equacionado com mundanidade; em todo caso, o homem moderno não ganhou este mundo ao perder o outro, e tampouco, a rigor, ganhou a vida; foi empurrado de volta para ela, arremessado na interioridade fechada da introspecção, na qual o máximo que ele poderia experimentar seriam os processos vazios do cálculo da mente, o jogo da mente consigo mesma (ARENDR, 2020, p. 398).

Assim, o triunfo do *animal laborans*, negou a ação de ser a atividade influenciadora do modo de vida do homem moderno. Arendt, busca deixar em evidência, com o intuito de “demonstrar que o problema da negação da ação como distintivo da pluralidade dos homens e não apenas a manutenção da vida de seu organismo tem origem teórica em Marx” (BRISKIEVICZ, 2020, p. 6). O pensamento marxista influenciou a sociedade moderna a voltar-se ao trabalho produtivo; o cidadão trabalhador passava ser assalariado, gerando o próprio sustento. Dessa maneira, o trabalho, atividade da condição humana geradora do sustento biológico, foi conduzido a conseguir seu sustento através do trabalho produtivo, isto é, por meio da fabricação. Logo se percebe, o porquê da indistinção das três atividades por Marx, fazendo delas uma única atividade, a do trabalho produtivo.

Assim dito, a era moderna tornou-se em uma sociedade de trabalhadores, “o qual é a sociedade de empregados, requer de seus membros um funcionamento puramente automático” (ARENDR, 2020, p. 400). O processo fez o indivíduo vivenciar a globalização do trabalho como meio vital para a sobrevivência da espécie, a vida activa exigia a perda do sentido da individualidade e “aquiescer a um tipo funcional, entorpecido e ‘tranquilizado’ de comportamento” (ARENDR, 2020, p. 400). Todavia, para Arendt, o processo suscita com que o homem moderno tenha a perda de suas capacidades.

Não é preciso dizer que isso não significa que o homem moderno tenha perdido suas capacidades ou esteja a ponto de perdê-las. Digam o que disserem a sociologia, a psicologia e a antropologia acerca do 'animal social', os homens persistem em produzir, fabricar e construir, embora essas faculdades se limitem cada vez mais aos talentos do artista, de sorte que as concomitantes experiências de mundanidade escapam cada vez mais ao alcance da experiência humana comum (ARENDDT, 2020, p. 401-402).<sup>34</sup>

Portanto, diante da vitória do animal laborans, não é visto por Arendt, como um bem supremo que deveria acontecer, pelo contrário, o homem moderno sendo influenciado pelo pensamento marxista era concebido por ela com algo negativo. Mesmo assim, para ela nem tudo estava acabado, o pensar, a atividade omitida da reconsideração da *vita activa*, ainda tinha esperança de surgir através da vivência da liberdade política.

Finalmente, a atividade de pensar - que, seguindo tanto a tradição pré-moderna quanto a moderna, omitimos de nossa reconsideração da *vita activa* - ainda é possível, e sem dúvida está presente onde quer que os homens vivam em condições de liberdade política (ARENDDT, 2020, p. 403).

Todavia, liberdade política não é o mesmo que encontrar-se numa sociedade totalitária. Quando se vive numa sociedade regida pelo regime, a atividade do pensar é restrita a poucos, havendo a esperança dessa atividade "brotar" em cada cidadão. A pensadora política explicita que "é realmente muito mais fácil agir do que pensar em condições de tirania" (ARENDDT, 2020, p. 403). O pensar é evidente em uma sociedade livre, cuja liberdade encontra-se regido pela moral e exercida por pessoas que agem. Para finalizar sua obra, Arendt, cita o pensamento de Catão que diz: "nunca se está mais ativo que quando nada se faz, nunca se está menos só que quando se está consigo mesmo" (ARENDDT, 2020, p. 403). Assim, percebe-se o quanto a atividade do pensamento é a mais elegível das atividades do interior da *vita activa*, "senão o da

---

<sup>34</sup> Essa mundanidade intrínseca do artista não se altera, naturalmente, quando uma 'arte não objetiva' substitui a representação das coisas; confundir essa 'não objetividade' com subjetividade, na qual o artista sente que deve 'expressar-se a si mesmo', seus sentimentos subjetivos, é típico dos charlatães, não dos artistas. O artista, quer seja pintor, escultor, poeta ou músico, produz objetos mundanos, e sua reificação nada tem em comum com a prática da expressão, altamente discutível e de qualquer forma inteiramente inartística. Ao contrário da arte abstrata, a arte expressionista é uma contradição nos termos (ARENDDT, 2020, p. 402).



experiência de se estar ativo” (ARENDDT, 2020, p. 403). Logo, em à *Sociedade do cansaço*, Han, faz suas considerações a partir do parecer de Arendt.

O pensamento seria o que menos prejuízos teve daquela evolução social negativa. Embora o futuro do mundo não dependa do pensamento, mas do poder das pessoas que agem, o pensamento não seria irrelevante para o futuro das pessoas, pois, dentre as atividades da *vita activa*, o pensamento seria a mais ativa atividade, superando todas as outras atividades quanto à pura atuação (HAN, 2017, p. 48).

É interessante notar que, com a inversão entre contemplação e ação, a atividade do pensamento que era valorizado pelos antigos, por meio da *vita contemplativa*, perdeu seu lugar para a ciência, assumindo o lugar como fonte principal de conhecimento. A ciência, cujo método de falsificação e validação dos seus objetos de estudos, torna-se o meio para obtenção do real e ou do falso, isto é, a comprovação de algo que poderia ser verdadeiro ou falso. Assim, na modernidade passou a seguir a ciência como a “deusa” do conhecimento. Contudo, para isso ocorrer foi preciso deixar a vida de contemplação da natureza para tomar uma nova posição distintamente dos antigos.

A partir de então, o homem moderno percebeu-se que divergentemente da *vita contemplativa*, com a ciência era preciso colocar “a mão na massa” para chegar ao resultado do inesperado. A sede de conhecimento até então não era suprida com o modo de vida que os gregos conduziam, pois, com Descartes, sobre a descoberta do ponto arquimediano, houve a inversão entre a *vita contemplativa* e a *vita activa*. Dessa maneira surgiram muitas dúvidas acerca do que acreditavam. Assim, a sede por respostas “só pôde ser mitigada depois que o homem depositou sua confiança no engenho das próprias mãos” (ARENDDT, 2020, p. 359). E por isso, a ciência fez um aliado, o *homo faber*, pois precisava de instrumentos para a exploração do desconhecido que até então era a natureza.

Todavia, o que era elegido pela ciência é que não seria possível alcançar o conhecimento por meio da contemplação, mas sim pela ação, essa que leva ao agir em vista de algo, “não que o conhecimento e a verdade já não fossem importantes, mas só podiam ser atingidos mediante a ‘ação’, e não pela contemplação” (ARENDDT, 2020, p. 359). Percebe-se, que nesse momento da história da humanidade o pensar por meio da contemplação foi desvalorizado e o surgimento da técnica cada vez mais

avançando. O agir passa a ser o combustível para alcançar o objetivo que era a verdade sobre a natureza. “As razões para que se confiasse no *agir* e se desconfiasse da *contemplação* ou *observação* tornaram-se ainda mais fortes após o resultado das primeiras pesquisas ativas” (ARENDR, 2020, p. 360). Assim, a *vita activa* do *homo faber*, cada vez mais conquistando sua posição mais digna da hierarquia das atividades humanas.

Ainda mais, é de relevância a compreensão que para os feitos científicos, só se era possível da certeza do conhecimento por meio de duas vias: “primeiro, que o conhecimento se referisse apenas àquilo que o próprio homem havia feito [...] e, segundo, que o conhecimento fosse de tal natureza que ele só pudesse ser testado mediante mais agir” (ARENDR, 2020, p. 360). Nesses termos, a matematização da natureza foi um dos critérios inestimáveis para que fosse possível o agir. Dessa forma, com a matematização, decodificaram diversos enigmas da natureza e a ciência avançava em suas pesquisas. “Desde então, a verdade científica e a verdade filosófica separaram-se; a verdade científica não só não precisa ser eterna, como não precisa sequer ser compreensível ou adequada à razão humana” (ARENDR, 2020, p. 360). Assim, a atitude de pensar jamais deve ser extinguida, suscitando todo o conhecimento em a responsabilidade da ciência.

Por assim dizer, em conformidade com Hannah Arendt, o pensar é uma atividade que impulsiona o homem a ser ativo e não permanecer em um estado de ociosidade. Mas sim, é uma atividade que poderia superar “as várias atividades no interior da *vita activa*” (ARENDR, 2020, p. 403). Todavia, o pensamento é de grande relevância para o agir do homem, possibilitando conduzir a uma ação moral, aquele que faz um bom uso da sua racionalidade.

Assim sendo, quando Arendt, nos parágrafos finais da sua obra fala sobre o pensar, pode-se dizer que ela pretendia deixar claro a importância da atividade do pensamento. Esta que em condições de liberdade política é a que orienta por meio de atitudes morais o julgamento de cada indivíduo na sociedade e não a força de um governo totalitário. Cada pessoa, podendo manter-se ativo mesmo estando apenas consigo mesmo. Pois, o pensamento possui essa característica e, cogita em cada ser pensante o refletir sobre si mesmo; as ações realizadas são refletidas através do ato do pensar, sem a sua existência é viver na sociedade sem a responsabilidade que

cabe a cada um. Portanto, o que se passa na sociedade, cabe a todos como cidadãos a responsabilidade de refletir o que estamos fazendo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa, em virtude da conclusão do curso de bacharelado em filosofia pela Universidade Católica Do Salvador (UCSAL), foi escolhido como tema: *A condição humana*, análise das atividades humanas no pensamento de Hannah Arendt (1906-1975). Teve como objetivo fazer uma análise do pensamento de Hannah Arendt a respeito das principais atividades humanas descritas pela autora como trabalho, obra e ação, através da investigação da obra *A condição humana*.

A pesquisa teve como objetivo geral, analisar as atividades humanas na obra *A Condição Humana*. Considerando o que foi proposto, nota-se que o processo de análise das atividades humanas no pensamento da autora foi executado com sucesso, tendo em vista sobretudo a resolução da pergunta: a condição humana é o fundamento para a compreensão das ações do homem. Diante disso, qual é o fundamento da análise das atividades humanas segundo Hannah Arendt? O trabalho demonstrou que com a análise feita das principais atividades humanas, Hannah Arendt se utilizou, para a composição da sua obra, de uma análise fenomenológica das atividades da condição humana, com o intuito de fazer uma reconsideração das atividades humanas. A proposta de Arendt, além disso, tem como objetivo gerar no homem uma autorreflexão crítica acerca das suas ações, inclusive, essa se revela como o tema principal da sua obra. Dessa maneira, pode-se ainda afirmar que a hipótese é capaz de fornecer a solução para o problema levantado nesta presente pesquisa. Logo, em função do objetivo norteador deste trabalho, foram definidos três objetivos específicos para conduzir o rumo da pesquisa, sendo que cada um em seu propósito foi investigado em capítulos diferentes.

O primeiro, apresenta a autora Hannah Arendt e a dimensão da condição humana. Introduce alguns pontos da vida da autora como meio para situá-la na história e na construção do seu pensamento. Bem como apresenta a condição humana no pensamento filosófico da pensadora alemã.

O segundo objetivo específico analisa as três atividades da *vita activa*. Em seu primeiro tópico foi analisada a atividade da condição humana do trabalho, executado pelo *animal laborans*, este que supre as necessidades da vida biológica. O segundo tópico se debruça sobre a atividade da obra, esta que é exercida pelo *homo faber*, o

fabricador e construtor, que aliás, antes da análise fenomenológica feita por Arendt e examinada nesta pesquisa, era confundida com a atividade do trabalho, uma vez que não era distinguida pelos antigos e considerada pelo pensamento marxista, somente como atividade do trabalho produtivo. Por último, e segundo Arendt, a mais importante atividade da condição humana, a atividade da ação, essa que é a ação política, podendo ser exercida por todo ser político. Para Arendt, é por meio da ação e do discurso que se forma uma sociedade fundamentada na política ética e moral, essa mesma que conduz o homem para a liberdade e o tira das amarras e dos condicionamentos humanos.

No terceiro objetivo, assim como nos demais, através do capítulo correspondente, foi feita a abordagem sobre a *vita activa* no linear da era moderna. Dividido em quatro tópicos, cada um abordou o conteúdo relacionado à inversão do pensamento que ocorreu na era moderna. A inversão entre contemplação e ação – deu lugar a uma elevação dos feitos científicos em detrimento do pensamento filosófico; a inversão dentro da *vita activa* e a vitória do *homo faber* - foi interpretada como a elevação do *homo faber*, influenciado pela demanda da ciência; como também a derrota do *homo faber* e o princípio de felicidade, junto com a vitória do *animal laborans* – foi interpretada pela filósofa como o triunfo do animal *laborans* e a influência da dúvida cartesiana no processo da secularização, como marco para a conquista da mais alta posição da hierarquia das atividades da condição humana. Além disso, o final do capítulo reflete a importância do pensar, que conforme Arendt, comporta a possibilidade de ser a mais ativa das atividades entre as várias que existem.

A pesquisa partiu da hipótese “o pensar, o que estamos fazendo” (ARENDR, 2020, p. 6), que sustenta a resposta coerente para o problema levantado. Pois, como foi apresentado na introdução, a partir da análise fenomenológica das atividades da condição humana, Hannah Arendt propõe uma reconsideração da condição humana, ela define “o que estamos fazendo”, como questão primordial de *A condição humana*. Inclusive, durante a construção do trabalho, verificou-se que a hipótese é verdadeira e de grande importância para a sociedade contemporânea. Tendo em vista, o contexto histórico no qual ela viveu e que ainda reflete de diversas formas na humanidade nos tempos atuais, como por exemplo, em regimes totalitários, nos quais é possível notar como fator preponderante para o seu surgimento a carência do exercício do pensar.

Além disso, ao considerar as origens dos totalitarismos e o pensamento marxista a respeito do trabalho produtivo, que enxerga o homem meramente como um trabalhador para a produtividade, percebe-se que ambos os pensamentos promovem a descartabilidade dos seres humanos. Por outro lado, a ação no entendimento de Arendt, visa a liberdade do homem, pois esta é a função da política fundamentada na ética e na moral que a pensadora apresenta em sua filosofia política. Logo, a autorreflexão sobre as ações cometidas é o caminho para que a cada nascimento se torne realidade o “*amor mundi*”, isto é, o amor ao mundo.

Portanto, como se percebe, durante o percurso realizado na pesquisa o problema levantado foi cuidadosamente analisado e em ordem lógica a partir da estruturação acima apresentada. Desenvolvendo-se a partir da já mencionada pergunta problema: a condição humana é o fundamento para a compreensão das ações do homem. Diante disso, qual é o fundamento da análise das atividades humanas segundo Hannah Arendt? Que pode ser compreendida em outras palavras como: qual é o objetivo da análise das atividades humanas na obra *A condição humana*, segundo o pensamento de Hannah Arendt? Encontrando resposta certa no “pensar o que estamos fazendo”, apresentado pela própria autora.

A metodologia usada nesta pesquisa é de caráter bibliográfico e fundamenta-se na leitura hermenêutica. Diante das fontes teóricas coletadas foi utilizado o método hermenêutico com o intuito de realizar uma leitura coerente do material e garantir um melhor entendimento sobre o pensamento suscitado pela autora.

Outrossim, Arendt ao se debruçar de maneira crítica sobre o pensamento marxista na procura de traços totalitários, se vê confrontada pela tradição, uma vez que esta sustentava o pensamento marxista, baseada na mesma crença de que é o trabalho e não Deus, o responsável pela criação do homem e que além disso, é o trabalho que distingue os homens racionais dos irracionais. Diante disso, ela busca encontrar um caminho para iluminar a era moderna, e este, se revela na necessidade da reconsideração da *vita activa*, envolvendo o modo de pensar da política antiga desde Platão.

Ao mesmo tempo, a filosofia política arendtiana propõe uma reconsideração da *vita activa* para o pensamento contemporâneo. A cultura de que o trabalho como Marx defende é o soberano para a existência da vida e aquele que distingue os homens dos animais irracionais não deve perdurar segundo a reflexão feita pela filósofa. Bem

como, tem por finalidade despertar uma visão crítica sobre os pensamentos e verdades absolutas que a cada indivíduo são apresentados, por isso também, pensar o que estamos fazendo.

Seu pensamento defende que o homem contemporâneo necessita refletir das ações que já foram tomadas e também futuras decisões. Por isso, das esferas públicas e privadas, Arendt propõe que o indivíduo tem por direito à liberdade do pensar individual e coletivo como ação sociopolítica. Contra os regimes totalitários, ela apresenta a defesa da vida não por uma determinada raça, mas por todos os seres humanos. Diante disso, podem ser feitos alguns questionamentos: será que na contemporaneidade há pessoas que são contra a vida? Ou até mesmo a favor do pensamento marxista a ponto da descartabilidade do ser humano? Por outro lado, decisões refletidas e amadurecidas em grupo são de caráter ético e moral da ciência política que Arendt ocasiona por meio do seu pensamento na contemporaneidade.

Através da obra *A condição humana*, o legado que ela deixa aos seus contemporâneos retoma o que já foi apresentado no decorrer desta pesquisa, isto é, a coragem que devem ter para pensar naquilo que fizeram e nas decisões a serem tomadas. Vive-se numa sociedade em que assumir as responsabilidades das próprias ações está sendo cada vez mais negligenciado. Essa atitude, conduz ao mal comportamento, deixando que as causas das ações particulares estejam à mercê da responsabilidade de outros. Agindo dessa maneira, o *amor mundi* permanece distante de tornar-se realidade. Por exemplo, quando Heidegger, associou-se ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores, Arendt ficou muito magoada, e o que se pode entender a partir do pensamento da filósofa, é que foi uma atitude mal refletida, apesar da liberdade de escolha. Assim, da mesma forma que a atitude de Heidegger feriu à ela e certo que também a outros, as más reflexões podem ferir não somente a quem se ama, como também às outras pessoas que compõem a sociedade.

Do mesmo modo, um dos motivos de sua reflexão ser ainda tão atual aplica-se no alto índice em que as pessoas se fazem utilitaristas. Assim, correndo o risco da relativização de todas as coisas ou da maioria delas, “nada” as satisfaz por um tempo duradouro. Consequentemente, forma-se a globalização em que não somente a natureza se torna processo em função do *homo faber*, mas também o mundo globalizado aderindo à cultura da utilidade das coisas e com a velocidade de

renovação dos produtos que formam o campo da descartabilidade do homem, como também de todos esses objetos em função da realização subjetiva.

O preenchimento dos desejos da subjetividade sem estar fomentada na ética do consumo é o mesmo que apoiar a soberania do *homo faber* sobre a natureza, causando a morte lenta do meio ambiente, sem pensar no futuro da nova geração que vem ao mundo por meio da natalidade. Assim, existe um possível diálogo com o pensamento do filósofo alemão Hans Jonas, também de origem judaica, sobre a ética da responsabilidade, em que ele busca refletir também na sociedade contemporânea, sobre a preservação da natureza para que as gerações futuras possam viver com dignidade.

Desse modo, considerando a proposta desta pesquisa sobre a análise das atividades humanas no pensamento de Hannah Arendt em sua obra *A condição humana* não se pretende esgotar o tema analisado, mas sim permitir a abertura de novos caminhos para pesquisas futuras. Igualmente, a leitura do presente trabalho é capaz de despertar não somente o desejo de conhecer a obra que dá fundamentação a esta pesquisa, mas também, de aprofundar-se no pensamento da filósofa de maneira geral. Justamente nesse sentido, os estudos sobre a autora a partir da temática proposta na referida pesquisa, inevitavelmente conduz à sua primeira publicação, *Origens do totalitarismo* (1951). Realizando esse itinerário, é possível chegar ao entendimento de que, enquanto uma fala sobre a ruptura trazida pelo ineditismo apresentando os regimes totalitários e o desprezo pelo ser humano; sua segunda obra, *A condição humana* (1958), aponta o pensar como ação política, o caminho para a liberdade do homem.

Portanto, a partir dessa experiência, os horizontes de leitura e conhecimento do agir político podem ser de fato ampliados. Ainda assim, diante da grandeza do pensamento da autora, pode-se exclamar em alta voz como outrora o filósofo Sócrates reconhecendo a pequenez, ou melhor, o nada que era o seu conhecimento. Verdadeiramente, Hannah Arendt impulsiona aqueles que se dedicam ao seu pensamento, ou até mesmo, seus meros leitores, a continuarem trilhando o caminho do conhecimento, sobretudo exercitando o pensar, o que deve levar, consoante o pensamento da mesma autora, a refletir as suas próprias ações e a assumir suas responsabilidades.



## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

\_\_\_\_\_. **Origens do Totalitarismo**. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Liberdade Para Ser Livre**. Tradução e Apresentação: Pedro Duarte. São Sebastião, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

\_\_\_\_\_. **Homens em Tempos Sombrios**. Trad. de Denise Bottmann. 1ª reim., São Paulo: Companhia Das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. Trabalho, Obra, Ação. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. Trad. Adriano Correia.; T. Magalhães. v. 2, n. 07, p. 175-202, 23 out. 2019.

ARISTÓTELES. In: **Os pensadores**. Traduções publicadas sob licença da Editora Cultrix Ltda. São Paulo, SP: Nova Cultura, 1996.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRISKIEVICZ, D. A. A *vita activa* e os desafios para a educação a partir de Hannah Arendt. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, v. 45, 2020. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/rt/printerFriendly/36201/html>> Acesso em: 19 nov. de 2020.

CORPORATION, B.B. **Os problemas de saúde que os astronautas enfrentam no espaço**. O Globo, 7 set. 2020. Disponível em:<<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/09/07/os-problemas-de-saude-que-astronautas-enfrentam-no-espaco.ghtml>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CORREIA, Adriano. **Hannah Arendt: passo - a - passo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DAVID, Watson. **Hannah Arendt**. Tradução de Luiz Antônio Aguiar e Marisa Sobral. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução Maria Ermatina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

FREITAS, Bruno Peres; SILVA, Ilda Lopes Rodrigues da. **A política sob o princípio do Amor Mundi**. Diálogo com Hannah Arendt. RJ, 2012.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. São Paulo, SP: Loyola, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JÚNIOR, Joab S. da Silva. **Mundo Educação**, c2020. Nasa. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/nasa.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

LUZ, Lara Emanuele da. **O diagnóstico moderno arendtiano e a dissolução do homo faber no animal laborans**. Tese (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 157 p. 2018.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1, tradução de Reginaldo Sant'Anna. 23 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Lisboa: 70, 1999.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução de Caesar Souza. 2. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. Léxico, Índices, Bibliografia. Vol. V. Tradução de Henrique C. De Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1995

SANTOS, Wevers M. **Mundo Educação**, c2020. Quem somos. Disponível em:<<https://mundoeducacao.uol.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

SANTOS, Roseane da C. Lôbo. **Filosofia Política E Teologia**: Promessa, Perdão E Amor Segundo Hannah Arendt. Diversidade Religiosa, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 141-158, 2017.

WAGNER, E. S. **Hannah Arendt e Karl Marx**: o mundo do trabalho. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

XARÃO, Francisco. **Política e liberdade em Hannah Arendt**: ensaio sobre a reconsideração da *vita activa*. Ijuí - RS: Unijuí, 2000.